



Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos



A marca Primeiríssima Infância foi criada pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) para representar uma causa que lhe é fundamental: a atenção que toda criança precisa receber desde a gestação até os três primeiros anos de vida. Chamado de primeiríssima infância, tal período é decisivo para o desenvolvimento de cada indivíduo, sobretudo no que se refere às funções cerebrais, com reflexos determinantes na capacidade de processar pensamentos e emoções.

O trabalho da FMCSV nesta causa contemplou a idealização do Programa Primeiríssima Infância, uma tecnologia social que integra os diversos serviços de atenção à criança pequena – especialmente secretarias de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social. Entre 2009 e 2013, o programa foi implementado em 14 municípios do Estado de São Paulo e agora serve de inspiração para outras cidades em todo o Brasil.

A marca Primeiríssima Infância se expressa na simbologia de um dado, objeto lúdico que se usa para lançar e avançar nos jogos. Mas o “jogo” da primeiríssima infância não é uma questão de sorte ou azar, é uma questão de cuidar, gerando ganhos que são para todos. Por isso, o nosso dado marca seis pontos em todos os lados, que são os seis anos da primeira infância. Os três pontos em cores representam precisamente a primeiríssima infância.



primeiríssima infância

**Formação em
trabalho com grupos:
famílias grávidas
e com crianças de
até três anos**

Programa **PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA**

O Programa Primeiríssima Infância foi idealizado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) para qualificar o atendimento e o cuidado à criança de zero a três anos, favorecendo seu desenvolvimento integral e integrado. A palavra integral refere-se à observação do desenvolvimento da criança de modo mais amplo, englobando aspectos físicos, cognitivos e psicossociais. O termo integrado, por sua vez, traz a perspectiva da intersetorialidade, ou seja, de um atendimento que associe os serviços de educação, saúde, desenvolvimento social e outros atores sociais relevantes na atenção à criança.

A primeira fase de implementação do Programa Primeiríssima Infância aconteceu em 2009, em parceria com seis cidades do Estado de São Paulo: Botucatu, Itupeva, Penápolis, São Carlos, São José do Rio Pardo e Votuporanga. Em 2011, o programa passou a ser implementado também na cidade de São Paulo, na microrregião da Cidade Ademar. Em 2012, com o apoio da Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP), foi estendido a Cabreúva, Campo Limpo Paulista, Itatiba, Jarinu, Jundiaí, Louveira, Morungaba e Várzea Paulista, em um formato configurado para uma atuação regional.

Para melhorar as condições de vida das crianças pequenas e oferecer a elas as melhores oportunidades de desenvolvimento, a metodologia do Programa Primeiríssima Infância propõe a estruturação de um programa com base em quatro eixos estratégicos. São eles:

1. Apoio à governança: estimular a criação e o fortalecimento de uma estrutura de governança local que favoreça o trabalho em rede, com articulação e sinergia de ações setoriais



Para saber sobre a **história e o trabalho da FMCSV**, entre no canal da FMCSV no YouTube (www.youtube.com/FMCSV) e selecione o vídeo "Conheça a FMCSV".

e intersetoriais para a construção de políticas públicas integradas, que priorizem a promoção do desenvolvimento infantil e garantam a institucionalização de uma prática social sustentável e de qualidade.

2. Desenvolvimento de capacidades: capacitar os profissionais e qualificar o atendimento das gestantes e crianças de zero a três anos nos serviços de educação infantil, saúde e desenvolvimento social.

3. Mobilização comunitária: sensibilizar, conscientizar e mobilizar as comunidades locais para a importância da atenção à primeiríssima infância para o desenvolvimento social, político, cultural e econômico do município.

4. Monitoramento e avaliação: monitorar e avaliar as ações para corrigir falhas e adequar estratégias no decorrer do percurso, bem como para comparar o trabalho de atenção à criança pequena antes e depois da implantação do programa.

O programa pode ser adotado por qualquer cidade que queira fortalecer o desenvolvimento integral e integrado da primeiríssima infância, bem como o tecido social dos municípios, Estados e de todo o país.



Conheça mais detalhadamente as **bases conceituais do Programa Primeiríssima Infância** acessando "Fundamentos do Desenvolvimento Infantil – da gestação aos 3 anos", uma publicação da FMCSV. Busque pelo título na seção Acervo Digital do site www.fmcsv.org.br

Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos é

uma publicação da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV), elaborada a partir da experiência do Programa Primeiríssima Infância. A publicação integra a Coleção Primeiríssima Infância e foi adaptada de obra homônima realizada pelo Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) para a FMCSV, para a implementação do Programa São Paulo pela Primeiríssima Infância.

Direitos e permissões

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra desde que citadas a fonte e a autoria.

Realização

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal
www.fmcsv.org.br

Diretor-presidente

Eduardo de C. Queiroz

Gerente de avaliação e pesquisa

Eduardo Marino

Gerente de programas

Ely Harasawa

Coordenadora de programas

Gabriela Aratangy Pluciennik

Organização da Coleção Primeiríssima Infância

Eduardo Marino
Ely Harasawa
Gabriela Aratangy Pluciennik

Autoria

Alba Lúcia R. Campos
Custódia V. de Nóbrega
Christianne L. Nascimento
Regina M. P. Munhoz
Vera Lúcia de A. Monteiro

Colaboração

Anna Maria Chiesa
Vanessa Pancheri

Texto original

Madza Ednir

Adaptação

Sandra Mara Costa

Checagem

Lucila Rupp

Revisão

Mauro de Barros

Projeto gráfico e editoração

Studio 113

CTP e impressão

Centrográfica

Tiragem

310 exemplares

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Formação em trabalho com grupos:

famílias grávidas e com crianças de até três anos / Alba Lúcia R. Campos...
[et al.]. – 1. ed. – São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal,
2014. – (Coleção primeiríssima infância; v. 4)

Outros autores: Custódia V. de Nóbrega, Christianne L. Nascimento, Regina
M. P. Munhoz, Vera Lúcia de A. Monteiro

Bibliografia.

ISBN da coleção 978-85-61897-05-5

ISBN do livro 978-85-61897-09-3

1. Crianças - Desenvolvimento 2. Gravidez 3. Gravidez - Desenvolvimento
4. Puericultura 5. Relações familiares I. Campos, Alba Lúcia R.. II. Nóbrega,
Custódia V. de. III. Nascimento, Christianne L.. IV. Munhoz, Regina M. P.. V.
Monteiro, Vera Lúcia de A.. VI.

14-12933

CDD-649.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento infantil: Relações familiares:
Puericultura 649.1

SUMÁRIO

Apresentação	9
Retrato da oficina a ser reeditada	12
Público-alvo	12
Perfil	12
Objetivos da oficina	12
Resultados esperados	13
Indicadores de êxito	14
Exemplos do impacto na realidade do desenvolvimento na primeiríssima infância	15
Mensagens básicas	18
Texto para reflexão	24
Oficina de formação	34
Descrição das atividades da oficina	38
Alinhamento conceitual	56
Materiais de apoio para a oficina	66
Textos	66
Vídeos	76
Modelo recomendado de Fluxo para a Formação	77
Modelo de Plano de Ação/Plano de Reedição	78
Modelo de Relatório de Formação e Supervisão	79
Ficha de Avaliação para Oficinas de Formação	80
Bibliografia	82

APRESENTAÇÃO

O caderno *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos* foi produzido pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV), com apoio do Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip). O material é uma ferramenta voltada à disseminação de conhecimentos sobre o desenvolvimento integral da criança de zero a três anos, com vistas a gerar ações integradas de saúde, educação e desenvolvimento social e mudar o panorama do atendimento às necessidades e direitos da primeiríssima infância.

Os seis cadernos com material formativo da Coleção Primeiríssima Infância apresentam a sistematização de oficinas de formação do programa realizadas entre 2010 e 2012. Tais encontros envolveram profissionais das áreas de saúde, educação, desenvolvimento social, lideranças comunitárias, representantes de organizações sociais e Conselheiros de Direitos e Tutelares. A proposta deste conjunto de publicações é facilitar a adaptação, reedição e multiplicação dos conteúdos para outros profissionais.

Cada caderno temático inclui: público-alvo, objetivos e impactos esperados na prática; exemplos de mudanças resultantes da formação; mensagens básicas; visão geral do processo da oficina de formação; passo a passo das atividades e dinâmicas de cada módulo; textos básicos utilizados nos trabalhos em grupo ou como referência para o formador; alinhamento conceitual – onde se encontram considerações sobre o sentido de algumas palavras-chave que, no texto, aparecem em negrito (exemplo: **reeditores**); e bibliografia.

O objetivo deste caderno 4 é disponibilizar uma visão detalhada da *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos*. Pretende-se facilitar aos interessados a escolha das mensagens e estratégias mais adequadas à sua realidade, para serem utilizadas junto a esses públicos específicos. O material servirá de apoio aos profissionais que trabalham com a formação ou fortalecimento de grupos nos quais gestantes, nutrizes, mães, pais e familiares de crianças na primeiríssima infância possam trocar experiências, refletir e construir conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil nessa fase inicial, com especial atenção à formação e ao fortalecimento de vínculos.

Coleção

PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

A Coleção Primeiríssima Infância é um conjunto de materiais preparado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) para apoiar a implantação de programas voltados à primeiríssima infância nos municípios brasileiros. Conheça os títulos da coleção, disponibilizada integralmente no site da FMCSV ou pelo link www.colecaoprimeirissima.org.br

Coleção Primeiríssima Infância	Principais públicos
1. Dez passos para implementar um programa para a primeiríssima infância	<ul style="list-style-type: none"> – Gestores públicos (principalmente prefeitos, secretários municipais e outras pessoas ligadas à gestão dos serviços públicos) – Comitê Gestor Municipal (gestores públicos, técnicos de secretarias e da rede de atendimento e lideranças sociais) – Articulador Local – Grupo de Trabalho da Avaliação
2. Avaliação participativa da atenção à primeiríssima infância	<ul style="list-style-type: none"> – Grupo de Trabalho da Avaliação – Facilitador externo da avaliação – Comitê Gestor Municipal – Articulador Local
<p>Cadernos com material formativo do Programa Primeiríssima Infância:</p> <p>3. Formação em pré-natal, puerpério e amamentação: práticas ampliadas</p> <p>4. Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos</p> <p>5. Formação em espaços lúdicos</p> <p>6. Formação em educação infantil: zero a três anos</p> <p>7. Formação em humanização do parto e nascimento</p> <p>8. Formação em puericultura: práticas ampliadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Multiplicadores/reeditores de conteúdo das oficinas de formação ministradas nos diversos temas – Formador/supervisor – Grupo de Trabalho da Avaliação – Articulador Local
Kit com 12 folhetos do Programa Primeiríssima Infância	<ul style="list-style-type: none"> – População em geral

As publicações da Coleção Primeiríssima Infância são voltadas também a profissionais com perfil técnico nas diversas áreas de atenção à primeiríssima infância, bem como aos integrantes do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, representantes de organizações não governamentais (ONGs), jornalistas/comunicadores e pesquisadores/membros da universidade. Todos aqueles que possuem conhecimento e compromisso com a primeiríssima infância são bem-vindos para contribuir.

Retrato da oficina

A SER REEDITADA



Construímos a **descrição desta oficina de formação** a partir de planos e relatórios de oficinas do Programa Primeiríssima Infância relativas ao tema, realizadas no período de 2010-2012, e de depoimentos/sugestões de consultores envolvidos. Para saber mais sobre o programa, acesse o site www.fmcsv.org.br

PÚBLICO-ALVO

Profissionais de saúde, educação infantil, desenvolvimento social e outros responsáveis pela implementação de políticas públicas e programas destinados à **primeiríssima infância**, que possam reeditar o conteúdo das oficinas de **formação** para colegas de trabalho e outros profissionais.

PERFIL

Profissionais que tenham facilidade de comunicação, que gostem de aprender sempre e gostem do desafio de atuar como disseminadores de conhecimento e impulsionadores de ações no campo do **desenvolvimento na primeiríssima infância**, com foco no apoio a **famílias grávidas** e com crianças de até três anos.

OBJETIVOS DA OFICINA

Geral

Formar **reeditores** que possam adaptar e utilizar conteúdos e estratégias desta oficina em futuras capacitações junto a seus pares, nos serviços de saúde, educação infantil, desenvolvimento social e outros, incentivando **intervenções setoriais e intersetoriais** voltadas para a formação e incremento de grupos com **famílias** com crianças na primeiríssima infância e que resultem no fortalecimento dos **vínculos** entre **pais, mães**, outros familiares e as crianças, desde o período da gestação até os três anos, favorecendo o seu desenvolvimento.

Específicos

Os participantes serão convidados a:

- Conhecer e interagir com profissionais da mesma e de outras áreas, compartilhando experiências e desenvolvendo uma linguagem comum que facilite a articulação de ações.
- Expressar suas expectativas quanto à formação e apropriar-se de seus objetivos.
- Perceber a importância do suporte às famílias na construção do vínculo pais/filho desde o período gestacional, identificando fatos importantes para o fortalecimento dessa interação.
- Compreender a importância do trabalho em grupo para que gestantes, mães, pais e familiares possam sentir-se mais seguros no exercício de seus papéis para a promoção do desenvolvimento na primeiríssima infância.
- Conhecer e vivenciar estratégias que favoreçam o **diálogo**, a participação e a reflexão, as quais poderão ser utilizadas ao atuar como reeditores e como moderadores de grupos.
- Identificar um público que possa interessar-se em receber informações que ajudem a mudar o olhar e a prática no campo do trabalho com grupos de famílias grávidas e famílias com crianças de até três anos.
- Elaborar **Planos de Reedição** da oficina, no todo ou em parte.
- Integrar o conhecimento adquirido na formação à rotina de trabalho.
- Propor ações para mudanças nas práticas referentes à formação de grupos com famílias grávidas e com famílias com crianças de até três anos por meio da elaboração de **Planos de Ação**.



Atenção!

Este material não pretende esgotar o tema.

RESULTADOS ESPERADOS

Mediante a realização da oficina de formação, é esperado que todos os participantes elaborem, em grupos, o que chamamos de Plano de Reedição da oficina. Tais participantes assumirão o papel de reeditores da oficina, de modo a viabilizar a disseminação das aprendizagens entre seus pares, em suas unidades de trabalho.

É ainda na oficina de formação que os participantes definirão

os profissionais que serão envolvidos nas estratégias de mudança de práticas que se deseja ver concretizadas na atenção à primeiríssima infância no município. É esperado que os reeditores iniciem o planejamento das ações durante a própria oficina e que iniciem o desenho de um Plano de Ação.

A página 78 deste caderno disponibiliza um modelo de ferramenta que serve tanto para orientar a elaboração do Plano de Ação quanto do Plano de Reedição.

INDICADORES DE ÊXITO

Profissionais de saúde, assistência social, educação e outros que atuam junto a gestantes e crianças de até três anos e suas famílias:

- Organizam e coordenam grupos de famílias grávidas e com crianças de até três anos, nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs), Centros de Referência de Assistência Social (Cras), creches, associações comunitárias e clubes, incentivando-os a refletir sobre a importância da constituição do vínculo e do fortalecimento da **autonomia** e sobre outros aspectos do desenvolvimento na primeiríssima infância, buscando práticas coerentes com os conceitos discutidos.
- Promovem a participação do pai no cuidado, proteção e estimulação das crianças pequenas.
- Utilizam, nos grupos, recursos e estratégias que favorecem a reflexão e o diálogo sobre vivências, conflitos e dúvidas dos pais a respeito da educação e **cuidados** com as crianças, convidando as famílias a reconhecer seu poder de promover o desenvolvimento integral dos filhos.
- Adotam comportamentos e atitudes que promovem a saúde mental das crianças, ao prevenir e minimizar fatores ambientais e psicossociais de risco para a formação do vínculo pai/mãe/filho e para o desenvolvimento emocional na primeiríssima infância.
- Oferecem suporte a adolescentes grávidas e a outras gestantes/nutrizes em situação de vulnerabilidade.
- Atuam de forma integrada, promovendo reuniões, campanhas

e mobilizações para difundir conceitos básicos sobre desenvolvimento na primeiríssima infância e práticas que fortaleçam o vínculo entre a criança e seus pais e familiares.

Gestantes, mães, pais e cuidadores:

- Participam de grupos de famílias grávidas e/ou com crianças de até três anos, trocando experiências, compartilhando conhecimentos e aprendendo sobre o desenvolvimento na primeiríssima infância.
- Praticam ações coerentes com o que apreenderam sobre o desenvolvimento emocional da criança de zero a três anos, principalmente no que diz respeito à qualidade do vínculo desde o período pré-natal, e atitudes que favorecem a autonomia e a saúde mental da criança.
- Utilizam momentos da rotina (por exemplo: hora de acordar e dormir, banho, vestir, pentear o cabelo, alimentar, **brincar**, etc.) como oportunidades de estimulação afetiva e cognitiva da criança de zero a três anos.
- Procuram ajuda profissional sempre que sentem necessidade.
- Sentem-se apoiados pelos profissionais de educação, saúde e assistência social para promover o desenvolvimento integral dos seus filhos e/ou assistidos.

Crianças de zero a três anos:

- São acolhidas, cuidadas, tocadas e olhadas; escutam histórias e músicas; são ouvidas; brincam com os adultos e crianças.
- Sentem-se seguras e aumentam, gradativamente, sua autonomia.
- Aprendem a lidar com os limites e com a rotina.

EXEMPLOS DO IMPACTO NA REALIDADE DO DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

As oficinas de *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos* buscam produzir mudanças no olhar e na prática dos profissionais de saúde, assistência social

e educação, que possam ter impacto na atenção integral e integrada à gestante, puérpera e crianças de até três anos.

Casos como os que relatamos a seguir mostram que perspectivas e crenças sobre o desenvolvimento infantil estão se transformando nos municípios envolvidos com o Programa Primeiríssima Infância, o que gera ações que melhoram a qualidade de vida das crianças e de suas famílias.

- Uma equipe de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) passou a desenvolver um trabalho multiprofissional com um grupo de gestantes, seus parceiros e familiares. Para tanto, firmou parcerias com um Centro de Referência de Assistência Social (Cras), uma escola de educação infantil e duas empresas locais. Cada parceiro tem um papel: a escola e o Cras colaboram na divulgação dos encontros de grupo, mobilizando as mulheres grávidas e familiares. A equipe da UBS, formada por enfermeira, técnica em enfermagem, psicólogo, fisioterapeuta, médicos pediatras e obstetras, planeja e realiza as reuniões, na segunda terça-feira de cada mês. Nesses eventos, mães e pais participam de oficinas e palestras, recebendo orientações e trocando informações. Em cada encontro, são oferecidos uma lembrancinha, confeccionada por todos os participantes, e um lanche. Nesta etapa entra a parceria das empresas, que cobrem os custos dos materiais e da alimentação. Os profissionais da escola e do Cras acompanham o processo e, quando as gestantes começam a faltar aos encontros, vão à sua procura, incentivando-as a retornar. O trabalho com o grupo vem produzindo resultados significativos, aumentando a tranquilidade e a segurança de mães e pais ao cuidar do bebê.
- Como parte da Semana do Bebê, em um município foram realizadas “Oficinas de confecção do presente do bebê”, promovidas pela Prefeitura e parceiros. Profissionais da UBS e do Cras, que haviam participado da *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos*, foram responsáveis pelo planejamento, organização e



A **Semana do Bebê** surgiu em Canela (RS) e é um evento de mobilização em torno de questões relativas a gestação, crianças pequenas e suas famílias, com o envolvimento da comunidade – instituições de saúde, educação e assistência social, Prefeitura, empresários e ONGs. Vários municípios criaram uma lei que institui a Semana do Bebê com periodicidade anual. Para saber mais sobre o assunto, consulte http://www.unicef.org/brazil/pt/br_semanadobebe.pdf

coordenação das oficinas. O objetivo era convidar as famílias da comunidade a conversar sobre a qualidade do vínculo pais/filho e desenvolvimento infantil e a experimentar uma atividade que contribui para fortalecer os vínculos entre pais e filhos, desde o período pré-natal. Na atividade, que durou duas horas, um grupo de cerca de 80 pessoas, entre gestantes e seus parceiros, avós e outros familiares, debateu a importância do vínculo. Enquanto isso, montaram e ornamentaram caixas com um presente para os bebês que estavam por vir. O presente consistiu em uma foto dos pais e outras pessoas da família, e esta foi afixada na tampa da caixa, acompanhada de uma carta contando à criança as expectativas e projetos em relação à sua chegada. A avaliação da atividade foi excelente e tanto os participantes como os profissionais saíram mais motivados para promover o desenvolvimento infantil.

Mensagens

BÁSICAS

FAMÍLIAS E PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

A família oferece uma base segura para o desenvolvimento da criança quando seus membros adotam atitudes de proteção, afeto, estímulo e cuidado para com ela

Independentemente de seu formato (pai/mãe/irmãos/avós/tios; pai/mãe; mãe/avós; casais do mesmo sexo; outros tipos), a família é considerada um ambiente seguro para a formação de uma criança quando seus membros adotam atitudes de proteção, afeto, estímulo e cuidado, estabelecendo vínculos positivos com a criança, indispensáveis ao seu processo de desenvolvimento integral. É essencial que gestantes, mães, pais e familiares sejam convidados a refletir sobre a importância de obter informação referente ao desenvolvimento infantil, de acolher, de cuidar, de apoiar e de estabelecer limites e regras. As decisões e ações da família têm impacto duradouro na vida emocional, intelectual e social da criança, podendo influenciar o adulto que ela será.

**AS DECISÕES
E AÇÕES DA
FAMÍLIA TÊM
IMPACTO
DURADOURO
NA VIDA
EMOCIONAL,
INTELECTUAL
E SOCIAL DA
CRIANÇA,
PODENDO
INFLUENCIAR O
ADULTO QUE ELA
SERÁ**

Mães, pais e familiares devem compreender que o desenvolvimento pleno na primeiríssima infância requer atenção tanto a aspectos físicos e biológicos, quanto a aspectos cognitivos, sociais e emocionais

Os aspectos físico, cognitivo e social/emocional do indivíduo estão relacionados de modo intrínseco e se influenciam mutuamente no desenvolvimento da criança. Além da atenção aos aspectos físicos (nutrição, higiene, sono, movimentação,

imunização, entre outros), as famílias precisam conscientizar-se da importância do desenvolvimento social/emocional da criança (que se revela na capacidade de confiar em si mesma e nas pessoas, de reconhecer e controlar emoções, de fazer escolhas de forma autônoma, etc.) e estimular o desenvolvimento cognitivo (que consiste no domínio do espaço, das linguagens verbal, plástica, musical, matemática, etc.), competências básicas para explorar o mundo e conhecer suas realidades.

A inter-relação entre aspectos físicos, sociais, emocionais e cognitivos revela-se quando observamos crianças que, mesmo recebendo higiene e nutrição adequadas, têm o seu desenvolvimento físico e intelectual prejudicados por serem emocionalmente negligenciadas (não são olhadas, tocadas e estimuladas carinhosamente). Por outro lado, se uma criança receber afeto e estímulos, mas não for alimentada de modo adequado e não for fisicamente bem cuidada, além de poder sofrer atraso no desenvolvimento físico, também poderá deixar de realizar seu potencial cognitivo e social/emocional de forma plena.

É importante reconhecer e valorizar os recursos e as competências da família

As famílias possuem recursos, competências e habilidades pessoais e relacionais que são como um **patrimônio**, do qual muitas vezes não são conscientes e precisam resgatar, pois ele é a base para uma atuação efetiva na promoção do desenvolvimento na primeiríssima infância.

Quando o patrimônio da família é mobilizado e bem utilizado na promoção do desenvolvimento na primeiríssima infância, famílias tornam-se espaços de proteção, estímulo e formação de valores

O patrimônio da família pode ser mobilizado quando se dialoga com ela sobre seus valores e prioridades e se aponta como seus membros podem atuar na promoção do desenvolvimento na primeiríssima infância. Conversas, brincadeiras, músicas,

movimentos, arte e histórias que fazem sentido para cada família devem fazer parte do cotidiano das crianças.

O ambiente no qual a criança vive influencia fortemente o seu desenvolvimento

A arquitetura do cérebro é constituída pela combinação entre a genética e as experiências da criança. Estudos apontam que, para se efetivarem e se fortalecerem, as conexões cerebrais dependem de cuidados e estímulos físicos e emocionais adequados, especialmente na primeiríssima infância, momento de grande plasticidade cerebral. Uma criança que se sente segura, amparada por seus cuidadores, com vínculos fortalecidos e em um ambiente acolhedor, tende a ter benefícios no seu desenvolvimento.

As famílias podem desenvolver vínculos que estimulam a autonomia

As ligações afetivas e duradouras entre mãe/pai e filhos se constroem não apenas pelos cuidados com sua sobrevivência física, mas principalmente pela interação. Vínculos positivos desenvolvem nas crianças pequenas confiança suficiente para que possam crescer cada vez mais em autonomia, até que se tornem independentes dos pais e adultos, capazes de com eles cooperar de forma interdependente e solidária. O desafio da criação dos filhos está na complexidade de formá-los com “raízes” (valores, atitudes) e “asas” (estímulo para buscar seu lugar no mundo, busca de realização).

Os vínculos entre a família e a criança se formam de modo gradual

O vínculo mãe/filho é fruto de um processo contínuo e complexo, que envolve a forma como a mãe representa a criança e o espaço que ela ocupa em sua mente. É importante reconhecer que não é preciso existir um “instinto materno” naturalmente desenvolvido e que a construção do amor materno se dá pela vivência, experiência, cultura e apoio social.

O vínculo pai/filho também obedece ao mesmo princípio de construção gradual. O desenvolvimento do vínculo pode ser iniciado desde a gestação.

**O VÍNCULO PAI/
FILHO TAMBÉM
OBEDECE AO
MESMO PRINCÍPIO
DE CONSTRUÇÃO
GRADUAL**

A gestação é período crítico na formação do vínculo

Para a mulher, a gestação é um período crítico na formação do vínculo, devido às fortes emoções despertadas pelas transformações físicas e psíquicas que atravessa. Essas mudanças exigem que a mulher realize inúmeras adaptações no relacionamento com o pai da criança, em suas vidas profissional, social e pessoal, com a consciência de que assumiu a responsabilidade por cuidar de alguém que, de início, depende exclusivamente dela para sobreviver. O pai também irá conviver com transformações semelhantes em sua vida. É importante ter espaço para refletir acerca das emoções e receber, caso necessário, apoio profissional para lidar com emoções negativas vivenciadas no processo gestacional ou puerperal.

Adolescente grávida: atenção redobrada

A grávida adolescente merece atenção redobrada, pois está vivenciando dois processos simultâneos de transformação: a transição da infância para a juventude e a gestação seguida da maternidade precoce.

O PODER DOS GRUPOS

A interação em grupo – de gestantes, nutrizes, mães, pais – facilita a aprendizagem de novos olhares e práticas

Ao compartilhar dúvidas, trocar experiências e refletir sobre como estão cuidando e educando seus filhos, as pessoas podem modificar crenças e percepções sobre a primeiríssima infância e iniciar novas práticas. Aprende-se melhor em grupo, pois a interação facilita o aprendizado e o grupo é um espaço de **interações**.

**AO CRIAR UMA
ATMOSFERA
PRAZEROSA, EM
QUE MÚLTIPLAS
INTELIGÊNCIAS
E LINGUAGENS
SEJAM
MOBILIZADAS,
FACILITAM-SE AS
INTERAÇÕES E
INCREMENTA-SE A
APRENDIZAGEM**

Famílias grávidas e com crianças de até três anos, quando se reúnem em grupos de reflexão, se apoiam mutuamente na tarefa de constituir e fortalecer vínculos positivos com as crianças

Profissionais de saúde, educação, desenvolvimento social e outros, ao formar grupos de reflexão com gestantes, mães, pais e familiares, aumentam a tranquilidade e confiança desses adultos no desempenho de novos papéis em relação à criança pequena, desde o período pré-natal. Os grupos devem ser espaços terapêuticos, acolhedores e de apoio, possibilitando novos aprendizados e fortalecendo vínculos, com consequências positivas no desenvolvimento na primeiríssima infância.

Os grupos propiciam às gestantes, nutrizes, mães, pais e familiares oportunidades de diálogo e reflexão, com o convite a colocar em prática novos conhecimentos sobre a primeiríssima infância

O foco do trabalho com grupos de famílias grávidas e com crianças de até três anos não é depositar conteúdos nas mentes dos participantes e prescrever condutas, mas disseminar e trocar informações e conhecimentos a respeito do desenvolvimento da criança, estimulando as pessoas a refletir e tomar consciência dos valores, crenças e saberes que embasam seu modo atual de agir, a fim de que possam eventualmente mudá-los, considerando as informações apresentadas e construindo novos conhecimentos.

Atmosfera alegre e estimulante favorece aprendizagem em grupo

Ao criar uma atmosfera prazerosa, em que **múltiplas inteligências e linguagens** sejam mobilizadas, facilitam-se as interações e incrementa-se a aprendizagem.

Planejar ações une o grupo

Ao planejar cooperativamente ações para realizar um objetivo comum, o grupo se fortalece e torna-se cada vez mais capaz de resolver problemas e mudar realidades.

Texto para **REFLEXÃO**

Este capítulo traz referenciais teóricos para a oficina *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos*. Alguns deles são tratados durante a oficina, enquanto outros servem de subsídio para o aprofundamento das discussões e melhoria das práticas.

TEXTO 1 – A NATUREZA DO VÍNCULO MÃE/FILHO – ONDE TUDO COMEÇA

Por Christianne Freitas Lima Nascimento, Custódia Virgínia de Nóbrega, Vanda Mafra Falcone e Fernando José de Nóbrega, Capítulo 3 de Vínculo mãe/filho, organizado por Fernando José de Nóbrega (2005).

“O bebê não existe sozinho: é essencialmente parte de uma relação.”

Donald Winnicott

Em sentido mais genérico, vínculo pode ser definido como tudo o que ata ou une, refere-se à ligação ou relação. Usaremos, aqui, o termo vínculo como o relacionamento afetivo, como o laço emocional que une uma pessoa a outra.

Bowlby^{1,2} descreve a formação do vínculo como “apaixonar-se”. A manutenção deste vínculo é experimentada como fonte de segurança. Para este autor, a característica essencial da vinculação afetiva é que os dois parceiros tendem a manter-se próximos um do outro e está associada à forte emoção. Considera essencial para a saúde mental do bebê que ele tenha vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou cuidadora), na qual ambos encontrem satisfação e prazer.

De acordo com Klaus³, o vínculo dos pais com seus filhos deve ser o mais forte de todos os laços humanos, ele é crucial para a sobrevivência e desenvolvimento do bebê. Complementa que o laço original entre pais e bebê é a principal fonte para todas as suas ligações futuras e é por meio deste vínculo que a criança desenvolve um sentido de si mesma.

Para Brazelton⁴, os pais podem se apaixonar pelo bebê à primeira vista, mas a permanência deste amor é um processo de aprendizagem, de aprender a conhecer a si mesmos, bem como o bebê.

Mas como se forma este vínculo mãe/filho?

Sabemos que o vínculo mãe/filho não é algo que acontece de forma mágica ou imediata. Segundo Brazelton⁴, ter um bebê e ligar-se a ele não é algo só instintivo, mas sim um processo contínuo e complexo.

Alguns autores questionam o instinto materno. Badinter⁵ aborda este tema fazendo um histórico sobre o comportamento das mulheres francesas, no qual o “amor materno” é descrito como um mito. Esta autora escreve sobre a indiferença das mães e seu desinteresse pelos bebês, levando-as a abandonar seus filhos ou os entregarem a outras mulheres para que cuidem deles, sendo essas práticas aceitas pela sociedade. Para Beauvoir, citada por Monteiro⁶, o amor materno depende da representação que a criança ocupa no psiquismo materno e de seu equilíbrio psíquico, e não um mecanismo instintivo. Discorre sobre a mulher em vários contextos históricos, defendendo a ideia da inexistência do instinto materno, citando os infanticídios praticados entre as mulheres de tribos nômades e a indiferença ao filho; descreve sobre as amazonas que mutilavam os seios durante o período de sua vida guerreira, como uma recusa à maternidade.⁷

De maneira geral, os estudiosos neste campo não explicam a formação do vínculo com base somente no aspecto instintivo, porém não o desconsideram como parte dele.^{2,3,8,9}

Para Klaus³, existe um período sensitivo que une a mãe ao bebê, o qual parece iniciar e estimular a operação de mecanismos sensoriais, hormonais, fisiológicos, imunológicos e comportamentais, que vinculam a mãe ao bebê. Há evidências de que a mãe apresenta um

**SABEMOS QUE O
VÍNCULO MÃE/
FILHO NÃO É ALGO
QUE ACONTECE DE
FORMA MÁGICA
OU IMEDIATA**

**A MULHER SONHA
COM O DIA EM
QUE VAI SER MÃE,
NÃO APENAS
DURANTE A
GRAVIDEZ, MAS
MUITO TEMPO
ANTES**

conjunto de comportamentos ordenados e previsíveis quando entra em contato pela primeira vez com seu recém-nascido, concluindo que existem padrões específicos de toque presentes nos humanos.

Bowlby² aborda a função biológica da vinculação entre indivíduos da mesma espécie. Por meio da ontogenia, sabe-se que vínculos afetivos se desenvolvem porque a criatura nasce com forte inclinação para se aproximar de certas classes de estímulos familiares e para evitar outras classes, os estranhos. A função biológica seria a de proteção contra predadores. Função esta que refere ser tão importante quanto a nutrição ou a reprodução, porém que tem sido menosprezada por investigadores. Considera provável que a capacidade de vinculação tenha o valor de sobrevivência para a espécie.

Vários autores estão de acordo com a existência de desejo intenso dos seres humanos de ter filhos. A mulher sonha com o dia em que vai ser mãe, não apenas durante a gravidez, mas muito tempo antes. Esses desejos estão relacionados com a questão de preservação da espécie.

Para Winnicott⁹, o bebê pode nascer sadio, mas vai depender de um ambiente facilitador proporcionado pela mãe, por meio de sua sensibilidade, para a saúde mental. A qualidade do vínculo com o bebê depende desta sensibilidade. De acordo com este autor, tal estado seria inerente à maternidade, porém, atribui à saúde mental materna a possibilidade de conseguir chegar a ele.

Fatores psíquicos, sociais e culturais também têm importante contribuição neste processo. Na construção do vínculo mãe/filho fazem parte vários aspectos da história materna, desde acontecimentos anteriores à gravidez até o período posterior ao nascimento do bebê. Desta forma, suas representações psíquicas possibilitam que a mulher se torne mãe e construa sua ligação com o filho. Usando a frase de Catherine Serrurier¹⁰: *"Atenção! Perigo! O biológico nos faz mãe, mas a psique resiste, sempre, de mil maneiras!"*.

É possível afirmar que nos preparamos para nos reproduzir desde o início da infância. É só lembrar as brincadeiras de pai e mãe, quando a menina representa, alternadamente, o papel de mãe ou filha.¹¹⁻¹⁶

Além das brincadeiras de infância, a forma como a mulher foi cuidada pelos próprios pais, os cuidados com os irmãos mais novos, já permite um treino para a **“maternagem”**. As meninas observam como as mães cuidam delas e dos irmãos e esperam pelo dia em que terão seus próprios bebês. As crianças são socializadas por meio da imitação. Assim, podem responder ao modo como foram cuidadas pelas próprias mães ou ao que observaram. Portanto, bem antes de se tornar mãe, a mulher já aprendeu, por meio da observação, do brincar e da prática, um repertório de comportamentos maternos.³

Experiências passadas com seus próprios pais, ou seja, a forma como se deram estas relações, vão interferir no desenvolvimento do vínculo com seu filho, no sentido de conseguir ou não satisfazer as necessidades do bebê e assim promover, ou não, sua saúde mental. As atitudes, os sentimentos e até os erros cometidos em relação aos filhos são, em grande parte, fruto dos problemas emocionais inconscientes que têm origem na própria infância. Assim, se existem sentimentos inconscientes ou mesmo conscientes não resolvidos em relação à família de origem, eles vão influenciar na forma como este vínculo irá se desenvolver. Bowlby² considera que existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos.

Outro acontecimento determinante para a formação do vínculo é a gestação.³ Este parece ser um momento propício para que surja o amor materno, em função das intensas transformações endócrinas, físicas e psíquicas pelas quais a mulher passa. Neste período, a mulher vive fortes emoções, podendo predominar as negativas ou as positivas. É necessário que ocorra uma adaptação em relação ao novo modo de vida, às mudanças no relacionamento com o pai da criança, às mudanças em suas vidas profissional e social, enfim, assumir a responsabilidade de cuidar de alguém que, inicialmente, dependerá dela para sobreviver.

Como descreve Maldonado¹⁶, a gravidez é um período de muitas mudanças para a mulher, decorrentes das inter-relações entre fatores hormonais e psicológicos. As vivências neste período são complexas, devendo ser levados em conta a história pessoal da grávida (história

**AS MENINAS
OBSERVAM
COMO AS MÃES
CUIDAM DELAS
E DOS IRMÃOS E
ESPERAM PELO
DIA EM QUE
TERÃO SEUS
PRÓPRIOS BEBÊS**

psicossexual, ginecológico-obstétrica e a de sua relação com a própria mãe); o contexto em que esta gestação ocorre (tipo de vínculo com o parceiro, idade da gestante, episódios de aborto); as características de sua evolução (riscos de perda do feto ou perigo de vida para a gestante); o fator socioeconômico (condições financeiras para cuidar do filho); e o contexto assistencial (qualidade da assistência de profissionais no pré-natal). Todos estes aspectos irão contribuir, ou não, na aceitação da gravidez e, conseqüentemente, no vínculo com o filho.

A partir do momento em que a mulher se percebe grávida, surgem sentimentos ambivalentes em relação ao feto (oscilação entre querer e não querer o filho). Esses sentimentos são esperados, pois sentimentos contraditórios coexistem no ser humano, uma gestação nunca é plenamente aceita ou rejeitada. A intensidade e a maneira como expressam e lidam com eles estão relacionadas à história própria de cada gestação e o lugar em que está se encontra na vida da mãe e/ou do casal. A qualidade da relação com a pai da criança e a situação financeira são alguns exemplos de componentes que fazem parte deste conflito.⁶ Posteriormente, passa a sentir os movimentos fetais, momento em que começa a sentir o feto como um ser separado de si mesma, sendo comum atribuir características a ele de acordo com seus movimentos, percebendo-o, por exemplo, como calmo ou agitado. Surgem as fantasias sobre como será seu bebê. Desta forma, os sentimentos predominantes em relação ao feto, a interpretação que faz de seus movimentos e suas fantasias sobre seu bebê constituem etapas importantes da formação do vínculo mãe/filho.³ A rejeição maior que a aceitação, queixas frequentes de seus movimentos e interpretações do tipo "ele é agressivo" terão impacto negativo sobre esta futura relação.

Citando Winnicott¹⁷, durante os últimos meses de gravidez, as mães se preparam para sua tarefa bastante especializada e voltam ao estado normal nas semanas e meses após o nascimento do bebê. Neste estado, que chamou de "preocupação materna primária", as mães se tornam capazes de se colocar no lugar do bebê, ou seja, se identificam com ele, o que lhes possibilita dispor de extrema sensibilidade aos sinais emitidos pelo bebê. Estes sinais permitem à

mãe apreciar, a cada momento, as necessidades fisiológicas imediatas do seu filho (fome, sono, etc.) e adaptar seu próprio comportamento e suas estimulações sociais. Porém isto acontece se as circunstâncias forem seguras para a própria mãe, como a disponibilidade do pai da criança, da avó ou de outras pessoas ligadas afetivamente à gestante. Assim, a aceitação e o apoio do pai, expresso na forma de interesse, atenção, gestos afetivos (acariciar a barriga da gestante, conversar com o feto) e a ausência de críticas ou julgamentos negativos de familiares são extremamente importantes para auxiliar a mulher a desenvolver o vínculo com seu futuro bebê.

Se a mulher não conseguir se ajustar às alterações inerentes ao período da gestação, vivenciando este período com intensa ansiedade, predominando, assim, a rejeição sobre a aceitação, o vínculo com seu filho poderá ficar prejudicado.

O nascimento é mais um acontecimento extremamente importante para a ligação mãe/bebê, já que vem acompanhado de intensas emoções. As mudanças são muitas, sobretudo quando se refere ao primeiro filho. Sentimentos de ansiedade e/ou de inadequação e muitas preocupações são comuns.

Neste momento, também a presença do pai ou de outra figura de ligação é fonte de apoio e conforto para a recém-mãe, favorecendo a formação do vínculo mãe/bebê. Klaus³ menciona estudos que mostram em seus resultados a importância de uma companhia durante o trabalho de parto e nascimento, fazendo com que o tempo do trabalho de parto seja menor, os problemas perinatais reduzidos e o comportamento materno mais afetivo. Esses estudos sugerem que a situação do parto também afeta a interação entre mãe e filho.

É preciso também considerar, aqui, o papel da equipe de profissionais no parto e pós-parto como algo que interfere no vínculo mãe/filho.^{3,9} A habilidade e a sensibilidade desses profissionais “cuidadores” garantem a maior tranquilidade da mãe e sua confiança, o que por sua vez favorece atitudes positivas em relação ao filho. A mulher nesta situação encontra-se muito sensível, o que deve ser considerado pela equipe. Ao ser bem cuidada, em sua mente fica o registro de uma experiência não traumática, agradável de

**O NASCIMENTO
É MAIS UM
ACONTECIMENTO
EXTREMAMENTE
IMPORTANTE
PARA A LIGAÇÃO
MÃE/BEBÊ,
JÁ QUE VEM
ACOMPANHADO
DE INTENSAS
EMOÇÕES**

ser recordada. O nascimento é lembrado com prazer e não com sofrimento, favorecendo uma maior proximidade com seu bebê, ao associá-lo a uma situação positiva, na qual foi cuidada e compreendida.

Maldonado¹⁶ descreve o puerpério também como um período vulnerável à ocorrência de crises, em função das profundas mudanças intra e interpessoais desencadeadas pelo parto. A mulher encontra-se sensível, debilitada e confusa. A ansiedade e a depressão reativa são comuns. A mãe solicita também para si cuidados e atenção. Perturbações graves nesta fase podem levar ao desenvolvimento de uma relação desfavorável com o filho. As pessoas que auxiliem a mãe, que favoreçam seus sentimentos de autoconfiança e satisfação emocional, tendem a aumentar sua disponibilidade afetiva para o filho.

Como mais um fator fundamental no processo de vinculação mãe/filho, Klaus³ chama a atenção para o papel ativo do bebê. Suas capacidades comportamentais, já nos primeiros minutos de vida, como de ver, ouvir e se mover no ritmo da voz da mãe, provocam respostas na mãe, proporcionando vários canais de comunicação e iniciando interações recíprocas.

Brazelton⁴ também considera o papel ativo do bebê na ligação com a mãe ao se referir a ele como um indivíduo surpreendentemente bem organizado ao nascer, pronto para enviar sinais ao seu ambiente, quando as coisas estão indo bem e quando não. À medida que são cuidados e recebem respostas de quem cuida deles, os bebês obtêm um controle sobre suas reações, que lhes falta, dando-lhes uma base, a partir da qual eles, por sua vez, podem participar e responder aos eventos importantes em seu ambiente. Isto, por sua vez, incentiva-os a se conhecerem. Os pais também aprendem sobre si mesmos à medida que aprendem sobre o bebê. A medida que este reage de modo “bem-sucedido” a seus cuidados, eles são recompensados pelo *feedback* de seu sucesso. Baseando-se nesta afirmação, os pais ao reconhecerem, compreenderem e responderem adequadamente aos sinais do bebê estariam fortalecendo o vínculo entre eles. Assim, também podemos verificar a importância da presença de respostas ou sinais do bebê para a promoção do vínculo.

Desempenhar bem o papel materno é algo complexo, que, como vimos, depende de inúmeros fatores para que ocorra. Requer

**OS PAIS TAMBÉM
APRENDEM SOBRE
SI MESMOS À
MEDIDA QUE
APRENDEM SOBRE
O BEBÊ**

muita dedicação para a qual a mulher já foi moldada pela sua história com os próprios pais. Além disso, baseia-se também em suas próprias experiências do passado e recebe interferências do presente, no que se refere aos relacionamentos interpessoais, gestação e vivências atuais. Ademais, conta com o comportamento do filho para sua reação. Desta relação vai depender a saúde do bebê, tanto física quanto emocional.

A partir do que foi descrito neste capítulo, seria uma ideia muito simplista pensar somente no aspecto instinto para explicar a maternidade.

Torna-se difícil apontar, com especificidade, a natureza do vínculo. Acreditamos que tal situação seja resultante de muitos fatores, o que poderia, então, classificá-lo, segundo nossa ideia, como biopsicossocial.

De acordo com Nóbrega¹⁸, acreditamos que o vínculo mãe/filho é algo inato e que, em face de diferentes interferências, positivas ou negativas, irá exteriorizá-lo numa gama de variações entre o ruim e o bom. Portanto, atuações positivas dirigidas ao desenvolvimento do bom vínculo mãe/filho serão sempre úteis e bem-vindas e contribuirão para uma relação mais sólida e mais feliz.

REFERÊNCIAS

1. BOWLBY J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo. Martins Fontes, 1995.
2. BOWLBY J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
3. KLAUS, M.H.; KENNEL, J.H. **Pais/bebê – a formação do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
4. BRAZELTON, T.B. **O desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
5. BADINTER, E. **Um amor conquistador: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
6. MONTEIRO, D.S.F. **A amamentação e seus enredamentos psíquicos**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

7. BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
8. KLAUS, M.H.; KENNEL, J.H.; KLAUS P.H. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
9. WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
10. SURRURIER, C. **Elogio às mães más**. São Paulo: Summus, 1993.
11. MILLER, L. **Compreendendo seu bebê**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
12. ALEXANDER, F. **Medicina psicossomática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
13. ROSSELÓ, J.L.D.; GUERRA, V.; STRAUCH, M.; REGA, C.R.; BERNARDI, R. **La madre y su bebé primeras interacciones**. Montevideu: Roca Viva Editorial, 1993.
14. ANTON, I.L.C. **A escolha do cônjuge – um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
15. NÓBREGA, FJ; CAMPOS, ALR. **Distúrbios nutricionais e fraco vínculo mãe/filho**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
16. MALDONADO, M.T. **Psicologia da gravidez-parto e puerpério**. São Paulo: Saraiva, 2002.
17. WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
18. NÓBREGA, F.J. (Org). **Vínculo Mãe/Filho**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2005. p 1-6.

Oficina de **FORMAÇÃO**

VISÃO GERAL DO QUE É TRABALHADO EM
DOIS DIAS DE OFICINA DE FORMAÇÃO

A oficina *Formação em trabalho com grupos: famílias grávidas e com crianças de até três anos* é desenvolvida em dois dias, dividindo-se em quatro módulos, com quatro horas de duração cada um. Dela participam cerca de 40 profissionais. Coordena o processo um ou dois formadores, especialistas no tema e em trabalhos com grupos (veja o passo a passo detalhado em “Descrição das atividades da oficina”).

Para as reedições, por questões práticas de disponibilidade de tempo dos participantes, a programação pode ser ajustada, diminuindo-se a carga horária, sendo recomendada a redução de no máximo oito horas, com adaptação à realidade local dos conteúdos, vivências e dinâmicas.

MÓDULO 1

O Módulo 1 visa possibilitar a integração dos participantes, motivando-os e fazendo com que se apropriem dos objetivos e resultados esperados. Busca justificar por que o tema “vínculo” foi escolhido como prioridade no trabalho com grupos de famílias grávidas e com crianças de até três anos e iniciar a reflexão sobre que tipos de formador e reeditor são necessários para promover aprendizagem em grupos.

Depois das apresentações e dos acordos iniciais quanto ao desenrolar das atividades, os participantes realizam uma atividade que os sensibiliza para as dimensões emocionais/afetivas e cognitivas envolvidas na construção do vínculo,

elemento essencial ao desenvolvimento da criança de até três anos.

Por meio do debate em grupo, com uso de textos e PowerPoints, os participantes trabalham a criação e o fortalecimento de vínculos entre a criança, a mãe, o pai e familiares como um ponto crucial no que diz respeito ao desenvolvimento emocional da criança e condição para o desenvolvimento integral.

Após discutir as questões relacionadas ao tema “vínculo” no trabalho em grupo com gestantes, mães, pais e familiares, o próximo ponto é pensar de que forma comunicá-las a esse público. Assim, são utilizadas diversas estratégias de trabalho em grupo que favorecem o vínculo pais/filhos, a fim de que os profissionais possam vivenciar e utilizar ou adaptar em sua rotina de trabalho com grupos.

Nessa direção, o grupo é convidado a participar de uma dramatização e nela vivenciam dois tipos de coordenação de grupos: uma focada na mera transmissão de informações; outra nas interações e na aprendizagem. Para encerrar o módulo, os participantes escrevem em *post-its* a principal aprendizagem da manhã e colam os adesivos no esquema de uma árvore, a “Árvore das aprendizagens”.

MÓDULO 2

O Módulo 2 visa possibilitar que os profissionais exercitem competências e habilidades de **coordenadores de grupos** com famílias de crianças na primeiríssima infância, com enfoque específico para a fase que vai desde o pré-natal até o primeiro ano de vida. Para tanto, discutem e levantam algumas características de estratégias grupais que provocam aprendizagem.

Em seguida, é a hora de realizar dramatizações (*role plays*), nas quais se usam materiais informativos e recursos didáticos oferecidos pelo formador, para provocar a reflexão dos colegas (no papel de mães e pais) sobre temas como “comunicação



Todas as **apresentações PowerPoint** citadas nesta publicação estão disponíveis na página www.colecao.primeirissima.org.br

entre mãe/bebê durante a gestação”, “funções materna e paterna”, “preparação emocional para o parto” e “vínculo e amamentação”.

Ao final de cada vivência, os profissionais recebem *feedback* dos colegas e dos formadores. O módulo se encerra da mesma forma que o anterior, com os profissionais fazendo o registro de suas aprendizagens.

MÓDULO 3

O Módulo 3 visa possibilitar aos participantes experimentar estratégias de trabalho com grupos de famílias sobre temas ligados ao desenvolvimento socioemocional na primeiríssima infância (zero a três anos).

O formador utiliza desenhos animados, livros infantis e apresentações em PowerPoint para trabalhar temas como “medos e ansiedades envolvidos no exercício das funções materna e paterna” e “atendimento às necessidades da criança, como as de ser vista, emocionalmente cuidada e ter limites”.

As apresentações são interativas e o formador, além de fornecer indicações bibliográficas sobre cada tema, convida os participantes a refletir sobre como poderiam adaptar e utilizar cada estratégia junto a grupos de famílias em sua localidade. A avaliação do módulo é realizada por meio da dinâmica “Gráfico de barras humano” (saiba mais na página 49).

MÓDULO 4

O Módulo 4 tem como principal objetivo assessorar os participantes na elaboração dos Planos de Reedição da oficina, bem como reforçar os vínculos entre eles, estimulando a atuação intersetorial e a realização de Planos de Ação com impacto na realidade da primeiríssima infância no município.

O módulo começa com a vivência de mais uma estratégia de promoção de debate com questões relevantes para grupos de famílias. Depois, os profissionais, reunidos em grupos, formulam ou esboçam Planos de Reedição. Em seguida, constroem um “álbum de família”, que tem como objetivo reforçar os vínculos do grupo

e o compromisso entre eles. Os participantes discutem sobre como colocar em prática o que aprenderam na oficina.

Para encerrar o módulo, há uma avaliação geral dos participantes sobre os dois dias de trabalho e a criação de um bolo simbólico, cujos ingredientes são as energias de que necessitam para levar adiante os Planos de Reedição e os Planos de Ação.

Descrição das ATIVIDADES DA OFICINA

NÚMERO DE PARTICIPANTES: 40

NÚMERO DE FORMADORES/REEDITORES: 1 OU 2

Todas as apresentações PowerPoint citadas nesta publicação estão disponíveis na página www.colecaooprimeirissima.org.br. Nela também podem ser baixados todos os títulos da Coleção Primeiríssima Infância.

MÓDULO 1 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>INTEGRAÇÃO E LEVANTAMENTO DE EXPECTATIVAS (40 min.)</p> <p>Materiais Aparelho de som, CD com música instrumental, crachás, canetas coloridas, cartões com números, tesouras, folhas grandes de <i>flipchart</i> (cavalete), sendo que, em cada uma delas, deve estar colada a imagem de uma família diferente</p>	<p>1. Chegada e confecção de crachás (10 min.) Desenvolvimento</p> <p>a) Os participantes são acolhidos pelo formador, que os orienta a preencher seus próprios crachás com as canetas coloridas, mencionando a forma como cada um quer ser chamado e usando de criatividade para decorá-lo/personalizá-lo.</p> <p>b) Cada participante recebe um cartão com o número que corresponde ao número do grupo do qual participará durante a formação. Obs.: Em geral formam-se quatro grupos, e em cada um deles há profissionais de saúde, educação e desenvolvimento social. O número de grupos pode variar conforme o número de participantes.</p> <p>2. Apresentação dos participantes e levantamento de expectativas (30 min.) <i>Observar também a estratégia alternativa no Quadro 1 (página 54).</i> Desenvolvimento</p> <p>a) As cadeiras estão dispostas em círculo, encostadas na parede.</p> <p>b) Em diferentes cantos do espaço estão afixadas imagens, recortadas de revistas e coladas em grandes folhas de papel de <i>flipchart</i> branco.</p> <p>c) As imagens representam diferentes tipos de famílias nas quais crianças pequenas são acompanhadas por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apenas mãe • Pai e mãe • Pai, mãe, avós e tios • Apenas pai • Dois pais • Mãe e avó <p>Recomenda-se que as imagens contenham personagens de diferentes etnias.</p> <p>d) O formador dá as seguintes instruções: os participantes devem circular pelos locais onde estão as imagens das famílias e se deter naquela que, por alguma razão, os tocaram, formando grupinhos em torno de cada imagem. Uma música estará tocando, para sinalizar o tempo em que a escolha deve ser feita (5 min.). Se houver apenas uma pessoa interessada em determinada imagem, ela deve “se mudar” para um grupo vizinho, levando sua imagem.</p>

MÓDULO 1 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
	<p>e) Nos grupinhos que estão à volta da mesma imagem, cada participante irá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar-se, dizendo o nome e o que faz. • Contar por que aquela imagem o tocou. • Escrever no papel de <i>flipchart</i> o que espera dessa oficina (15 min.). <p>Fecho Ao final, o formador afixa na parede os cartazes com as expectativas. Os participantes “visitam” os cartazes dos demais grupos, reconhecendo expectativas semelhantes e diferentes.</p>
<p>APROPRIAÇÃO DOS OBJETIVOS DA OFICINA (30 min.)</p> <p>Materiais Computador, <i>data show</i>, PowerPoint</p>	<p>3. Por que estamos aqui Desenvolvimento</p> <p>a) O formador faz a apresentação (5 min.). b) O formador apresenta os objetivos da oficina e o resultado esperado (15 min.). c) Apresenta a agenda da oficina por meio de PowerPoint (10 min.). O formador deve utilizar a apresentação PowerPoint “Objetivo geral e resultado esperado ao final da oficina”.</p>
<p>INTRODUÇÃO AO TEMA “VÍNCULOS ENTRE MÃES, PAIS E SUAS CRIANÇAS NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA” Sensibilizando os participantes (80 min.)</p>	<p>4. Construção do “Olho de Deus” <i>Observar também a estratégia alternativa no Quadro 1 (página 54).</i></p> <p>Desenvolvimento</p> <p>a) O formador introduz os objetivos da atividade: vivenciar os sentimentos ligados à construção do vínculo, introduzindo o tema central da oficina; e discutir a importância para que mãe e família se preparem ativamente para receber o bebê (5 min.). b) O formador colhe, por meio de perguntas, experiências dos participantes a respeito da preparação da vinda de alguém muito importante – “O que fazem?”. Na segunda rodada de perguntas, indaga a respeito da preparação para a chegada do bebê. Dentre as respostas, distingue entre a preparação do espaço físico (todo bebê precisa de um berço, mesmo improvisado) e a preparação do espaço psíquico (mental) da família. Em relação a este segundo aspecto, conta como as populações tradicionais do México aguardavam a chegada do bebê, construindo o “Olho de Deus” (10 min.). c) O formador fala sobre o “Olho de Deus”, objeto que simboliza um laço de carinho, o desejo de que coisas boas aconteçam para a pessoa da qual gostamos, nosso cuidado, vontade de proteger, enfim sentimentos que levam à constituição do vínculo – ver texto à página 70 (5 min.). d) Os participantes formam duplas (A e B). Em cada dupla, o de letra A irá construir um “Olho de Deus” para B, e o participante B fará o mesmo para A. e) O formador oferece instruções sobre como proceder para construir o “Olho de Deus” (5 min.).</p>

MÓDULO 1 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
	<p>f) Todos elaboram os “Olhos de Deus” colocando nos objetos, em silêncio, seus desejos para a pessoa que será presenteada (30 min.).</p> <p>g) Em cada dupla, A e B presenteiam-se mutuamente com o “Olho de Deus”, expressando os desejos ali colocados (5 min.).</p> <p>Fecho</p> <p>O formador convida os participantes a refletirem, em círculo, sobre a atividade: “Ela cumpriu seu objetivo? Como se sentiram ao receber o ‘Olho de Deus’? Que modificações fariam, ao utilizar a atividade com grupos de famílias grávidas e famílias com crianças de zero a três?” (10 min.).</p>

INTERVALO – 15 MINUTOS

<p>REFLETINDO SOBRE UM DOS FATORES DE MAIOR IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO (70 min.)</p> <p>Materiais Cópias do Texto 1 “A natureza do vínculo mãe/filho – Onde tudo começa”, uma para cada participante, computador, <i>data show</i>, PowerPoint</p>	<p>5. Vínculo: O que é, como se forma, por que é essencial</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>O formador lembra que o programa para a primeiríssima infância no município quer fazer com que haja tanto atenção aos aspectos emocionais, sociais e cognitivos envolvidos no desenvolvimento infantil, quanto aos aspectos físicos, biológicos desse desenvolvimento. Por isso, focaliza-se, como um dos temas prioritários a ser trabalhado com grupos de famílias grávidas e com crianças de até três anos, a questão do vínculo (5 min.).</p> <p>Parte 1</p> <p>a) Reflexão em grupo (15 min.) Os participantes discutem quatro questões: “O que você entende por vínculo?”; “Quando se inicia?”; “Por que é importante fortalecer vínculos entre a criança, a mãe e o pai?”; “O que contribui para a formação do vínculo?”</p> <p>b) Apresentação dos representantes (15 min.) Cada grupo deve ter um relator que apresenta o que foi discutido no grupo.</p> <p>c) <i>Feedback</i> do formador O formador oferece embasamento teórico, evidenciando a importância da qualidade das primeiras relações dos pais/cuidadores com o bebê, desde a gestação, visando seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Aponta ações como tocar, comunicar-se com o filho (conversar, cantar), ter conhecimento sobre as fases do desenvolvimento, brincar, contar histórias e criar rotinas que contribuam para a formação do vínculo (5 min.).</p> <p>Parte 2</p> <p>a) Leitura individual O formador pede que todos leiam silenciosamente o texto “A natureza do vínculo mãe/filho – Onde tudo começa” – ver página 24 (10 min.)</p> <p>b) Exposições dialogadas utilizando PowerPoint Conceitos de vínculo mãe/filho; fatores ambientais de proteção e de risco para a formação do vínculo mãe/filho e desenvolvimento infantil; comportamentos indicadores de vínculo mãe/filho – ver apresentação PowerPoint “Vínculo” (20 min.).</p>
---	---

MÓDULO 1 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>VIVENCIANDO DOIS ESTILOS DE COORDENAÇÃO DE GRUPOS: QUAL O MAIS EFICAZ PARA SE TRABALHAR JUNTO A FAMÍLIAS GRÁVIDAS E A FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ATÉ TRÊS ANOS? (60 min.)</p> <p>Materiais Folheto “Vínculo” (número 5) da Coleção Primeiríssima Infância, da FMCSV, e textos retirados do livro <i>Fundamentos do Desenvolvimento Infantil – da gestação aos 3 anos</i>, disponível na seção Acervo Digital do site www.fmcsv.org.br, matérias de jornais ou revistas que abordem o tema relação pais/criança de zero a três anos, cadeiras organizadas em forma de um grande U, com um outro U menor, dez cadeiras, no meio do primeiro U; computador, <i>data show</i>, PowerPoint</p>	<p>6. Estilos de coordenação de grupo: foco em transmissão x foco em interação e reflexão</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Introdução: O formador pergunta de que forma comunicar aos familiares, por meio do trabalho em grupo, informações úteis sobre o desenvolvimento das crianças de zero a três anos, como, por exemplo, sobre o tema “vínculo”. A orientação, primeiramente, é experimentar, por meio de uma dramatização, duas formas bem diferentes de coordenar um grupo. Depois, no Módulo 2 da oficina, os participantes vivenciarão estratégias para trabalhar temas referentes à formação e fortalecimento do vínculo pais/filho desde a gestação (5 min.).</p> <p>Role play/dramatização (25 min.)</p> <p>Preparação (5 min.)</p> <p>a) O formador chama dois voluntários para desempenhar, durante 5 minutos, o papel de “coordenadores de grupo”, e, fora da sala, pede a eles que decidam que papéis desejam desempenhar:</p> <p>Voluntário 1 – Coordenador com foco na transmissão de conteúdos. Voluntário 2 – Coordenador com foco nas interações como forma de promover a reflexão, a cooperação e a aprendizagem.</p> <p>b) Estes dois voluntários recebem a descrição de seus papéis (páginas 71 e 72), bem como o texto informativo a ser trabalhado no grupo.</p> <p>c) Outro formador distribui a todos exemplares do folheto “Vínculo” (ou outro texto informativo curto) e solicita a um grupo de cinco pessoas que se coloque nas cadeiras dispostas em U no meio da plenária, representando mães e pais que participam de um grupo.</p> <p>d) Os demais participantes, sentados nas cadeiras do grande U, serão observadores, verificando e anotando o que mais lhes chamar a atenção na forma de cada um dos “coordenadores” se relacionarem com o grupo.</p> <p>Execução (até 20 min.)</p> <p>Voluntário 1 – até 10 min. Voluntário 2 – até 10 min.</p> <p>Debate sobre a dramatização (15 min.)</p> <p>a) O formador pede que os voluntários que desempenharam o papel de coordenadores digam como se sentiram; depois, pede que os voluntários que desempenharam o papel de mães e pais digam como se sentiram: primeiro, em relação ao coordenador 1 e depois em relação ao coordenador 2.</p> <p>b) Observadores comentam: qual dos dois coordenadores tem mais possibilidade de conseguir adesão dos participantes ao grupo? Por quê?</p> <p>Fecho</p> <p>O formador exibe a apresentação PowerPoint “Grupos de reflexão e vivência: famílias grávidas e com crianças de até três anos” (15 min.).</p>

MÓDULO 1 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>AVALIAÇÃO (5 min.)</p> <p>Materiais Contorno de uma grande árvore, em papel kraft, <i>post-its</i></p>	<p>7. “Árvore das aprendizagens” <i>Observar também a estratégia alternativa no Quadro 1 (página 54).</i></p> <p>Desenvolvimento Os coordenadores afixam na parede um cartaz com a “Árvore das aprendizagens”. Cada participante escreve, em um <i>post-it</i> uma aprendizagem significativa que construiu no decorrer da manhã e coloca o <i>post-it</i> na copa da “Árvore das aprendizagens” que se constituirá para o grupo. Todos os participantes “visitam” a árvore.</p>

MÓDULO 2 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>INTEGRAÇÃO (15 min.)</p>	<p>1. “O trio do elogio” <i>Observar também a estratégia alternativa no Quadro 1 (página 54).</i></p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> Os participantes se dividem em trios. A pessoa que fica no centro recebe <i>feedback</i> positivo, primeiro do colega da esquerda, depois do da direita. Em seguida, trocam-se os papéis, e quem estava à direita vai para o centro, e assim por diante, até que todos os três tenham oferecido <i>feedback</i> positivo um ao outro. <p>Obs.: O <i>feedback</i> positivo pode ser algo a respeito da aparência, por exemplo: “seu cabelo é bonito” ou “gosto das cores que está usando”. Ou, ainda, a respeito de atitudes e comportamentos: “gosto da forma como você sorri”; “suas perguntas são muito interessantes”.</p> <ol style="list-style-type: none"> Para fechar a atividade, o formador, com os participantes em círculo, comenta sobre em que medida aprender a validar os parceiros contribui para integrar uma equipe.

MÓDULO 2 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>REFLETINDO SOBRE INTERVENÇÕES DE UM COORDENADOR DE GRUPOS COM FOCO NAS INTERAÇÕES (35 min.)</p> <p>Materiais Frases impressas para serem distribuídas para cada participante</p>	<p>2. Sugestões para promover o diálogo e a aprendizagem no grupo – leitura em grupo</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>O formador explica aos participantes que, a fim de promover o diálogo e a aprendizagem em um grupo de famílias grávidas e famílias com crianças de zero a três anos, o coordenador deve levar em conta a necessidade dos participantes de se sentirem acolhidos, autônomos e competentes. Em seguida, apresenta uma dinâmica que ajuda a atingir este objetivo:</p> <p>a) Os participantes se agrupam, de acordo com o número impresso no cartão que receberam no início da oficina, ainda no Módulo 1 (5 min.).</p> <p>b) Em cada grupo, frases como estas são entregues aos participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer os vínculos entre os participantes, por meio de interações que favoreçam sentimentos de confiança, acolhimento e aceitação, e deixar claro por que estão ali, o objetivo do trabalho, são fatores básicos para se conseguir a integração do grupo e promover a adesão de seus membros. • Estratégias de grupo por meio das quais as pessoas possam falar de suas experiências, de forma prazerosa e descontraída, são essenciais durante todo o processo. • Apresentar a informação por meio de vários recursos, além da exposição oral: vídeos, imagens, CDs de música, livros de histórias, matérias de jornal ou revistas, objetos que representem família; fazer perguntas e escutar ativamente. Isso permite mobilizar as múltiplas inteligências presentes e partir do conhecimento que já existe no grupo – mais um ponto-chave da atuação do coordenador. <p>c) Em cada grupo, formam-se duplas, que se alternam na leitura das frases.</p> <p>d) Terminada a leitura, cada grupo seleciona as duas melhores frases, considerando também as características da atuação do bom coordenador de grupos apresentadas no debate sobre o <i>role play</i> realizado no módulo anterior (10 min.).</p> <p>O formador escuta representantes dos quatro grupos (5 minutos para cada grupo).</p>

MÓDULO 2 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>PRATICANDO HABILIDADES DE COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE FAMÍLIAS GRÁVIDAS: INTRODUÇÃO (20 min.)</p> <p>Materiais Textos sobre comunicação entre mãe e bebê na gestação, funções materna e paterna, preparação emocional para o parto e amamentação – apresentados em mesas (tais textos devem ser trazidos pelos formadores – ver sugestões de referências bibliográficas na página 66), imagens, brinquedos, papéis coloridos, papel kraft; pincéis atômicos e fita crepe</p>	<p>3. Trabalho com grupos sobre vínculo pais/criança no pré-natal e puerpério: <i>role play</i>/dramatização</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>a) O formador dispõe, nos quatro cantos da sala, mesas com materiais informativos sobre temas importantes para a constituição de vínculos saudáveis entre a criança e os pais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mesa 1 – Comunicação entre mãe e bebê durante a gestação. • Mesa 2 – Funções materna e paterna. • Mesa 3 – Preparação emocional para o parto. • Mesa 4 – Vínculo e Amamentação. <p>b) Em todas as mesas, além do material informativo, há recursos para apresentar as informações de forma prazerosa, como imagens, brinquedos, papéis coloridos. Também estão disponíveis equipamentos que estão sendo usados na oficina, como o <i>data show</i>.</p> <p>c) O formador dá as seguintes instruções:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nos seus grupos (aqueles quatro grupos formados inicialmente, com aproximadamente dez pessoas), circulem pelas mesas e encontrem o tema que gostariam de trabalhar com famílias. Cada grupo deve se posicionar ao redor de uma das mesinhas (5 min.). • Agora, examinem os materiais informativos e recursos, e pensem que informações poderiam introduzir ou discutir, dentro do tema escolhido, com um grupo de famílias, usando os recursos disponíveis. Este é apenas um contato inicial. Vocês terão mais tempo para preparar a atividade (10 min.).

MÓDULO 2 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>PRATICANDO HABILIDADES DE COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE FAMÍLIAS GRÁVIDAS: PREPARAÇÃO DOS ROLE PLAY (30 min.)</p> <p>Material Cópia do texto “Trabalhando com grupos de gestantes, nutrizes e suas famílias” (uma cópia para cada participante)</p>	<p>Preparação dos role play Desenvolvimento</p> <p>a) Os participantes, em cada grupo, fazem a leitura silenciosa do texto “Trabalhando com grupos de gestantes, nutrizes e suas famílias” (página 68), texto com sugestões de dinâmicas que podem ser usadas para provocar discussão e reflexão. Em seguida, decidem se querem usar algumas delas no seu <i>role play</i> (10 min.).</p> <p>b) Em cada grupo, define-se o papel de cada um – quem atuará como “coordenador” e quem atuará como “gestantes e familiares”.</p> <p>c) Cada grupo decide como apresentar a informação de forma interativa e motivadora usando os recursos disponíveis (20 min.).</p> <p>O formador deixa as cadeiras em disposição de um grande U, com um círculo de cadeiras ao centro (onde ficam os “atores” em cada apresentação). Circula pelos grupos, apoiando-os.</p>
INTERVALO – 15 MINUTOS	
<p>PRATICANDO HABILIDADES DE COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE FAMÍLIAS GRÁVIDAS (60 min.)</p>	<p>Role play Cada grupo apresentará seu tema seguindo o roteiro abaixo:</p> <p>a) Apresentação do grupo (10 min.).</p> <p>b) <i>Feedback</i> dos colegas e formador (5 min.).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo 1 – Tema: Comunicação entre mãe e bebê durante a gestação. • Grupo 2 – Tema: Funções materna e paterna. • Grupo 3 – Tema: Preparação emocional para o parto. • Grupo 4 – Tema: Vínculo e amamentação.
<p>AVALIAÇÃO (10 min.)</p> <p>Materiais Contorno de uma grande árvore, em papel kraft; <i>post-its</i> de cor diferente daquela utilizada pela manhã</p>	<p>4. “Árvore das aprendizagens” <i>Observar também a estratégia alternativa no Quadro 1 (página 54).</i></p> <p>Desenvolvimento O formador afixa na parede o cartaz com a “Árvore das aprendizagens”. Cada participante escreve em um <i>post-it</i> de cor diferente daquela usada na atividade da manhã, uma aprendizagem significativa que construiu no decorrer da tarde, e o dispõe na copa da “Árvore das aprendizagens” do grupo.</p> <p>O formador encerra o módulo lembrando o horário de início do próximo.</p>

MÓDULO 3 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>INTEGRAÇÃO (10 min.)</p> <p>Materiais Aparelho de som, CD com canções de roda</p>	<p>1. Roda Desenvolvimento</p> <p>a) Os participantes estão em círculo. O formador coloca a música, pede que todos deem as mãos e dançam em roda. Os participantes podem comentar sobre lembranças que a música traz, lembranças de quando rodavam e dançavam na infância com os pais, avós e outras pessoas significativas em suas vidas.</p> <p>b) Ao terminar, o formador pergunta: “Como se sentiram?”.</p> <p>Fecho O formador comenta sobre o poder das danças circulares na integração e harmonização dos grupos.</p>
<p>FOCALIZANDO AS TAREFAS DO DIA (10 min.)</p> <p>Material <i>Data show</i></p>	<p>2. Agenda Desenvolvimento</p> <p>O formador reapresenta <i>slides</i> da apresentação PowerPoint “Objetivo geral e resultado esperado ao final da oficina”, incluindo a agenda de trabalho. O formador retoma os objetivos para a manhã e a tarde do segundo dia da oficina.</p>
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE TEMAS DO TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 1) Tema: Medos e ansiedades envolvidos no exercício das funções materna e paterna (20 min.)</p> <p>Materiais TV, DVD, vídeo</p>	<p>3. Estratégias para trabalhar com grupos de famílias e reflexão sobre temas ligados ao desenvolvimento social e emocional na primeiríssima infância Estratégia para trabalhar “medos e ansiedades envolvidos no exercício das funções materna e paterna” com grupos de famílias</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>a) O formador anuncia o objetivo da atividade: trazer à consciência medos e ansiedades envolvidos no exercício da função materna e também da paterna.</p> <p>b) Ele apresenta o desenho animado <i>Tin Toy</i> (ver capítulo Materiais de Apoio para as Oficinas) ou outro, por meio do qual se possa abordar o tema cuidados materno/paterno (10 min.).</p> <p>c) O formador conduz, então, a leitura das imagens, por meio de perguntas que levam os participantes a identificar as dificuldades no exercício da função materna e paterna, os medos e ansiedades nela envolvidos e formas de superá-los (10 min.).</p> <p>Fecho O formador convida os participantes a refletir sobre como a atividade poderia ser adaptada e utilizada junto a grupos de famílias no município de cada um. Indica fonte(s) onde eles podem encontrar mais informações sobre o tema função materna e função paterna (ver sugestões de referências bibliográficas na página 66).</p>

MÓDULO 3 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE TEMAS DO TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 2)</p> <p>Tema: Fatores de risco e de proteção psicossociais para o desenvolvimento emocional da criança: a necessidade que a criança tem de ser olhada e emocionalmente cuidada (50 min.)</p> <p>Material Livro infantil ilustrado <i>Agora não, Bernardo</i>, de David McKee</p>	<p>Estratégia para trabalhar com grupos de famílias o “atendimento às necessidades da criança de ser vista e cuidada, como fator de proteção psicossocial”</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) O formador apresenta o objetivo da atividade: discutir sobre a necessidade que a criança tem de ser vista, reconhecida e de se sentir amada, para que possa construir sua identidade de forma saudável. b) O formador convida voluntários para ler e dramatizar a história do livro <i>Agora não, Bernardo</i>, sobre uma criança que é ignorada pelos pais e se transforma em um “monstro” (5 min.). c) Após a dramatização, um dos personagens da encenação conta ao grupo a história, mostrando as imagens do livro (5 min.). d) O formador promove o debate, com perguntas como: “Qual a mensagem que o livro quer passar?”; “Como vocês se sentiram?”; “Como é a relação dos pais diante de Bernardo?”; “Os pais cuidam dele?”; “Este tipo de cuidado é suficiente para um desenvolvimento saudável?”; “O que o monstro representa?”; “Quais podem ser as consequências deste tipo de relação pais/filho?”; “Como evitar isso?” (30 min.). <p>Fecho</p> <p>O formador convida os participantes a refletir sobre como a atividade poderia ser adaptada e utilizada junto a grupos de famílias no município de cada um. Também indica fonte(s) onde participantes podem encontrar mais informações sobre o tema desenvolvimento emocional da criança (ver sugestões de referências bibliográficas na página 66).</p>
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE TEMAS DO TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 3)</p> <p>Tema: A importância do ambiente para o desenvolvimento emocional nos primeiros anos de vida (60 min.)</p>	<p>Reflexão sobre a importância do ambiente para o desenvolvimento emocional nos primeiros anos de vida</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) O formador cria algumas frases que dizem respeito a comportamentos de crianças e atitudes dos pais. b) Em subgrupos, os participantes discutem se concordam, discordam ou estão em dúvida. Elegem um representante que expressará as respostas de seu grupo e suas conclusões. Exemplos de frases: <ul style="list-style-type: none"> • “Na hora de mamar, o bebê recebe alimento e afeto, isso ajuda a formar sua capacidade de amar.” • “Os bebês não entendem o que acontece ao seu redor, por isso quando são pequenininhos, por exemplo, as brigas dos pais não têm consequências para eles, até porque não vão se lembrar disso quando crescerem.” c) Após as apresentações dos subgrupos, o formador faz uma exposição dialogada sobre comportamentos/sentimentos comuns nos três primeiros anos de vida e atitudes que possam contribuir para o desenvolvimento da criança, com foco no desenvolvimento emocional. Abordam-se os temas: choro, sono, objeto transicional, problemas na alimentação, angústia do oitavo mês, segurança/confiança, verdades e mentiras, birra, dependência/independência, ciúmes, entre outros.
INTERVALO – 15 MINUTOS	

MÓDULO 3 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE TEMAS DO TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 4)</p> <p>Tema: Fatores de risco e de proteção psicossociais para o desenvolvimento emocional da criança – A questão dos limites. (30 min.)</p> <p>Materiais TV, DVD, vídeo</p>	<p>Estratégia para trabalhar com grupos de famílias: “Atendimento à necessidade da criança de ter limites, como fator de proteção psicossocial”</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) O formador apresenta o objetivo da atividade: discutir sobre a necessidade que a criança tem de ter limites, como condição para distinguir-se do outro e construir autonomia. b) O formador apresenta um trecho do vídeo <i>Supernanny</i> ou similar (10 min.). c) Ele promove o debate, primeiro com uma ou duas perguntas abertas: “O que observam?”, “O que acontece no trecho que assistiram?”, “O que pensam sobre limites e desenvolvimento infantil?”. As perguntas podem ser mais específicas, de acordo com o movimento do grupo. Por exemplo: “Vocês se lembram de como seus pais lhes ensinaram a ter limites quando eram pequenos?”, “Bater funciona?”, “O pai e a mãe concordavam com a forma de dar limites, ou eram incoerentes?”, “Por que é difícil colocar limites na criança?”, “Por que crianças pequenas dizem tantos ‘nãos’?”, “Disciplinar pode ser uma forma de amor?”, etc. (10 min.). <p>Fecho</p> <p>O formador convida os participantes a refletir sobre como a atividade poderia ser adaptada e utilizada junto a grupos de famílias no município de cada um. Indica fonte(s) onde os participantes podem encontrar mais informações sobre o tema da construção dos limites e da autonomia – ver sugestões de referências bibliográficas na página 66 (10 min.).</p>

MÓDULO 3 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE O TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 5)</p> <p>Tema: A formação de vínculo com o bebê nos primeiros anos de vida como proteção psicossocial (20 min.)</p> <p>Materiais TV, DVD e vídeo</p>	<p>Estratégia para trabalhar com grupos de famílias o “atendimento à necessidade da criança de formar vínculos com seus cuidadores nos primeiros meses de vida, como fator de proteção psicossocial”</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) O formador anuncia o objetivo da atividade: identificar atitudes e comportamentos da mãe – ou da pessoa que exerce a função materna – que fazem com que o bebê se sinta protegido e amado. b) Pede que os participantes levantem exemplos de ações que, a seu ver, contribuem para fortalecer o vínculo da mãe com o bebê na gestação e depois do nascimento. c) Em seguida, apresenta o trecho de filme ou desenho animado que enfoca o tema – como, por exemplo, <i>Tarzan</i>, disponível para venda e locação, especialmente a parte em que a macaca ouve o choro do bebê e começa a interagir com ele, por meio do olhar, do toque e de sons). d) O formador conduz a leitura das imagens, por meio de perguntas que levam os participantes a identificar ações essenciais à constituição do vínculo. <p>Fecho</p> <p>O formador convida os participantes a refletir sobre como a atividade poderia ser adaptada e utilizada junto a grupos de famílias no município de cada um. Indica fonte(s) onde os participantes podem encontrar mais informações sobre o tema Fatores de proteção psicossocial para o desenvolvimento emocional da criança: construção de vínculos (ver sugestões de referências bibliográficas na página 66).</p>
<p>AVALIANDO A MANHÃ (15 min.)</p> <p>Três cartazes: um com o sinal “+”, outro com o sinal “-” e outro com o sinal “+/-”, em tamanho grande; uma câmera ou celular que tire fotos</p>	<p>4. Fechamento e avaliação da manhã</p> <p>Para concluir, o formador comenta a importância do trabalho intersetorial: em grupos conduzidos por profissionais de saúde, educação e desenvolvimento social, é possível criar coerência, evitando-se passar informações fragmentadas às famílias. Parte-se para a atividade de avaliação propriamente.</p> <p>Gráfico de barras humano</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) O formador coloca três cartazes em pontos distintos da sala, um com o sinal “+”, outro com o sinal “-” e outro com o sinal “+/-”. b) Solicita que os participantes se posicionem em fila diante da cada cartaz: <ul style="list-style-type: none"> • Em frente ao símbolo “+”, os que consideraram a manhã ótima. • Em frente ao símbolo “-”, os que não aproveitaram muito. • Em frente ao símbolo “+/-”, os que gostaram, com ressalvas. c) Depois que as pessoas estiverem posicionadas, o formador convida alguns voluntários em cada fila para explicar aos demais por que escolheram tal opção. Ele ouve, no mínimo, um participante de cada fila. d) Ao ouvir as justificativas, os outros participantes podem mudar de lugar. Quando todos estiverem certos de sua posição, tira-se uma foto, registrando a avaliação da manhã.

MÓDULO 4 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>INTEGRAÇÃO (15 min.)</p> <p>Material Aparelho de som com música suave e volume baixo</p>	<p>1. Massagem em duplas</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Os participantes, em círculo, procuram com os olhos as pessoas com as quais menos interagiram até o momento, ou fazem dupla com a pessoa ao lado. b) Formam-se as duplas (A e B). c) “A” senta-se na cadeira, em posição confortável, de olhos fechados. Seguindo as instruções do formador, inspira e expira lentamente três vezes, relaxando. d) “B”, seguindo as instruções do formador, massageia suavemente os ombros de “A”. e) Trocam os papéis: “B” senta-se e, depois de relaxar, tem os ombros massageados por “A”. Quem não se sentir à vontade com essa dinâmica pode ficar como observador. <p>Fecho</p> <p>O formador pergunta como se sentiram fazendo e recebendo o toque, e lembra que a massagem é um meio excelente de propiciar prazer, proximidade entre pais/filho. E que o pai também pode utilizá-lo com a mãe, para que ela descanse e relaxe, em especial durante a gestação e amamentação.</p>
<p>EXPERIMENTANDO ESTRATÉGIAS E REFLETINDO SOBRE O TRABALHO COM GRUPOS DE FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS (PARTE 6)</p> <p>Tema: Polêmica sobre atitudes que podem (ou não) contribuir para o desenvolvimento emocional da criança de zero a três anos (25 min.)</p>	<p>2. Estratégia para apre sentar temas polêmicos a grupos de famílias – “Concordo”, “Discordo” e “Estou com dúvida”</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Os participantes estão divididos em grupos, sendo que para cada um deles estão disponíveis três cartazes, e em cada cartaz se encontra uma dessas expressões: “Concordo”, “Discordo” e “Estou em dúvida”. b) O formador lê uma frase polêmica, como “O bebê deve dormir na mesma cama que os pais” (há outras afirmações, como: “Quando o bebê é novinho, é melhor o pai não cuidar dele, pois os homens são desajeitados”; “Bater educa”). c) Os grupos discutem a afirmação (5 min.). Entram em acordo e escolhem um dos cartazes para levantar. d) Um representante de cada grupo justifica a escolha (20 min.). <p>Fecho</p> <p>O formador traz informações baseadas em pesquisas sobre os temas polêmicos para fechar a atividade.</p>

MÓDULO 4 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>TRABALHO EM SUBGRUPOS PARA ELABORAR PLANOS DE REEDIÇÃO E PROSPECTAR OS PRÓXIMOS PASSOS (60 min.)</p> <p>Materiais Uma cópia do passo a passo da programação da oficina e uma cópia do modelo do Plano de Reedição/Ação para cada um dos participantes, conforme modelo à página 78, papel kraft ou cartolina; canetas atômicas e fita crepe para cada subgrupo</p>	<p>3. Planejando a reedição e imaginando Planos de Ação Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> a) O formador compõe subgrupos por profissionais do mesmo serviço, ou semelhantes, e entrega o detalhamento do passo a passo da programação dos quatro módulos. b) Apresenta o esquema do Plano de Reedição (10 min.). c) Depois de passar os olhos sobre a agenda dos quatro módulos da oficina, cada grupo irá definir um objetivo e um público-alvo a ser envolvido e planejar ações para reeditar essa oficina, no todo ou em partes, estimulando a criação ou fortalecimento de grupos de famílias grávidas e com crianças de zero a três anos (40 min.). d) O formador convida os grupos setoriais a inserir um aspecto intersectorial nas ações propostas. e) Os representantes dos grupos registram as decisões em papel kraft, de acordo com o esquema de Plano de Reedição, preparando apresentação em plenária. f) Cada profissional registra também as modificações que pretende introduzir imediatamente em sua própria prática e as intervenções coletivas que poderão ser implementadas posteriormente por meio de Planos de Ação (10 min.).
INTERVALO – 15 MINUTOS	
<p>DEBATE E APERFEIÇOAMENTO DE UM DOS PLANOS DE REEDIÇÃO (45 min.)</p>	<p>4. Plenária de debate e aperfeiçoamento Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Os Planos de Reedição são afixados nas paredes. b) Um relator de cada grupo expõe o objetivo e o público-alvo do plano elaborado, com apoio dos demais membros (15 min.). c) Um dos planos é aperfeiçoado, por meio de perguntas de esclarecimento e sugestões em plenária (30 min.).

MÓDULO 4 – 4 HORAS	
Momento/tempo/materiais	Atividades
<p>REFORÇANDO VÍNCULOS E FIRMANDO COMPROMISSOS (40 min.)</p> <p>Materiais Para cada participante: meia folha de papel-cartão colorido, uma tesoura, quatro canetas hidrográficas, um tubo de cola branca, dois sacos plásticos com dois furos, uma pasta romeu e julieta de plástico, uma foto de família, quatro folhas de papel sulfite, duas folhas de papel Canson colorido, quatro lápis de cor</p>	<p>1. Confeção do álbum de família</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>a) Os participantes sentam-se em grupos à volta de quatro mesas e nelas estarão dispostos os materiais para a confecção dos álbuns.</p> <p>b) O formador orienta a confecção dos álbuns com os materiais disponíveis:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir a capa, usando o papel-cartão. • Colar as fotos da família na primeira página do papel sulfite, escrevendo sob cada foto uma experiência afetiva positiva com a pessoa retratada. • Na segunda página de sulfite, escrever o título: “Meu compromisso” e, embaixo, registrar o que irá fazer para que mais famílias com crianças de zero a três anos possam viver experiências positivas como as descritas na página anterior. • Colocar as páginas de sulfite dentro dos sacos plásticos. • Trocar de álbuns entre eles, apresentando as respectivas famílias.
<p>AVALIAÇÃO DA OFICINA (10 min.)</p> <p>Materiais <i>Post-its</i> de três cores diferentes (três para cada participante); ficha de avaliação da oficina de formação (uma por participante)</p>	<p>2. Avaliação da oficina</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Autoavaliação Individualmente, os participantes respondem às perguntas em três <i>post-its</i> de cores diferentes: “O que senti? O que aprendi? O que vou fazer?”. Os <i>post-its</i> são afixados na base da “Árvore das aprendizagens” (ver Módulos 1 e 2).</p> <p>Avaliação da oficina de formação Os participantes preenchem, de forma individual e anônima, uma ficha de avaliação (página 80).</p>

MÓDULO 4 – 4 HORAS	
Momento/tempo/ materiais	Atividades
<p>ENCERRAMENTO (30 min.)</p> <p>Materiais Caixa redonda com tampa, imagens recortadas de revistas e coladas em papel cartão, em número maior que o número dos participantes (crianças, pássaros, árvores, flores, plantas, rios, mares, borboletas, sol, estrelas), chocolate Bis ou similar (um por participante), computador, <i>data show</i></p>	<p>3. Símbolo no bolo Desenvolvimento</p> <p>a) Os participantes se colocam em círculo ao redor de uma mesa.</p> <p>b) Sobre a mesa está uma caixa redonda, destampada. À volta da caixa, cartões com imagens que podem representar as esperanças e desejos de cada um em relação ao trabalho que vem pela frente.</p> <p>c) O formador diz:</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Olhando na base da nossa ‘Árvore das aprendizagens’ vemos as ações que vocês estão decididos a empreender. Agora, vamos fazer um bolo simbólico, usando como ingredientes símbolos das energias de que precisamos para colocar nossas intenções em prática e fazer com que mudanças ocorram na prática, em benefício das crianças de zero a três anos e suas famílias. • Cada uma dessas imagens é o símbolo de um ‘ingrediente’ que vamos colocar em nosso bolo. Peguem um deles. • Agora, cada um vai mostrar para os demais sua imagem e, dizendo o que o seu ‘ingrediente’ significa, colocar o seu símbolo dentro da caixa (o ‘bolo’).” <p>d) Depois que todos tiverem colocado os “ingredientes no bolo”, o formador fecha a caixa.</p> <p>e) Todos colocam as mãos sobre a caixa, “enviando energias positivas”.</p> <p>f) O formador abre a caixa e distribui uma imagem simbólica para cada participante, acompanhada de um chocolate, dizendo: “Tomara que possamos estar sempre alimentados pela energia que recebemos uns dos outros neste grupo”.</p>

QUADRO 1 – ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS

MÓDULO 1	<p>Alternativa à atividade 2 (página 38), de apresentação, integração e levantamento de expectativas dos participantes (30 min.)</p> <p>Desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Os participantes formam duplas (A e B). b) Em cada dupla, a pessoa “A” se apresenta, diz o que espera da oficina e comenta com seu par um fato significativo que lhe aconteceu na última semana – pode ser pessoal ou profissional. Em seguida, a pessoa “B” faz o mesmo (2 minutos para cada pessoa). c) Depois dos 4 minutos combinados, as pessoas escolhem novos parceiros e formam trios. Em cada trio, as pessoas “A”, “B” e “C” têm 2 minutos cada uma para repetir os mesmos passos realizados nas duplas: apresentação e relato de fato significativo – o mesmo compartilhado na dupla ou outro que desejar. d) Depois de 6 minutos, os participantes formam grupos de cinco a seis pessoas. O processo se repete: cada um tem 1 minuto para se apresentar e compartilhar uma experiência marcante recente. e) Após 5 ou 6 minutos, esta etapa é finalizada e o formador propõe que os grupos elejam um acontecimento para ser contado ao grupo maior (8 min.). f) A seguir, os grupos formados são convidados a, em consenso, escrever no <i>flipchart</i> o que esperam e o que não esperam do dia (10 min.).
	<p>Alternativa à atividade 4 (página 39), para a introdução da questão do vínculo</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Montando uma coluna de tijolos</p> <p>O formador convida os participantes para montar, simbolicamente, uma coluna de tijolos. Preparação (5 min.)</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Os participantes são divididos em grupos. b) O formador diz algo como: “Ao coordenar grupos de famílias, é bom ter em mente as decisões e ações dos familiares (gestantes, mães, pais...) que mais estimulam o desenvolvimento integral de crianças de zero a três anos. A partir daí poderemos selecionar um repertório de temas a serem apresentados aos participantes, para que eles escolham os de maior interesse. Vamos fazer um exercício. Cada grupo receberá um conjunto de cartões nos quais estão escritas algumas dessas ações. A tarefa será organizá-las em uma coluna, colocando na base o que é essencial. Quanto mais perto da base, mais essencial o grupo considera a ação. Caso as ações sejam consideradas igualmente essenciais, podem ser colocadas na mesma direção”. c) O formador distribui a cada grupo um conjunto de oito cartões. Em cada um deles estão escritas as seguintes frases: “Abraçar e sorrir para a criança”; “Levar ao pediatra regularmente”; “Ler histórias e cantar para a criança”; “Estabelecer rotinas e regras”; “Dar vacinas”; “Brincar com a criança”; “Nutrir adequadamente”; “Conversar com a criança”.

QUADRO 1 – ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS

	<p>Execução (15 min.) O formador conduz de forma que em cada grupo, os participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Discutam o lugar onde deve ficar cada cartão, apresentando argumentos. b) Quando chegarem a uma conclusão, afixem os cartões na folha de <i>flipchart</i>, usando fita crepe e expondo o cartaz na parede. <p>Apresentação (20 min., ou cerca de 5 minutos para cada representante) Um representante de cada grupo justifica para os demais por que colocaram na base estas e não outras ações, ou por que colocaram todas as ações na base.</p> <p>Comentários do formador (5 min.) Ao comentar as produções dos grupos, o formador lembra que, ao identificar o que a sociedade brasileira considerava mais importante para assegurar o desenvolvimento das crianças de zero a três anos, a pesquisa <i>Primeiríssima Infância, da gestação aos três anos: percepções e práticas da sociedade brasileira sobre a fase inicial da vida</i> (2013, disponível na seção Acervo Digital do site www.fmcsv.org.br), elegeu as ações ligadas à dimensão física da criança, desconsiderando que aspectos físicos, emocionais e cognitivos estão totalmente interligados e, portanto, é impossível hierarquizá-los. Assim, em vez de uma coluna de tijolos, poderíamos construir uma única fileira horizontal.</p>
	<p>Alternativa à atividade 7 (página 42), de avaliação, “Árvore das aprendizagens”</p>
<p>MÓDULO 2</p>	<p>Alternativa à atividade 1 (página 42), de integração, “O trio do elogio” O formador pede que assistam ao vídeo <i>O menino e a árvore</i> (ver capítulo Materiais de Apoio para as oficinas) e que discutam sobre o papel do trabalho em equipe e os resultados obtidos quando o trabalho ocorre de forma integrada.</p>

Alinhamento

CONCEITUAL

ABORDAGEM INTEGRAL E INTEGRADA

Abordagem que considera, de forma ampliada e indissociável, as dimensões física, emocional, social e cognitiva/cultural do desenvolvimento na primeiríssima infância, articulando e integrando ações de diferentes setores, como saúde, desenvolvimento social e educação, a fim de possibilitar que a criança atinja a plenitude de seu potencial. Essas dimensões são interdependentes, não sendo possível desenvolver uma delas descuidando das demais. Promover o desenvolvimento integral da criança é considerá-la como um todo, um ser complexo e único. Todos – das famílias aos gestores públicos – são responsáveis por oferecer a ela condições básicas de desenvolvimento, somando e dividindo conhecimentos e atuando de forma conjunta.

AUTONOMIA

É a capacidade de autodomínio, de tomar decisões e cumpri-las, sem depender dos outros e sendo capaz de interagir e cooperar com os demais, de igual para igual. Tal capacidade depende do amadurecimento de uma região do cérebro denominada córtex pré-frontal. Se a família e outros adultos oferecem orientação e estímulos adequados, esse amadurecimento, gradativo, pode se completar por volta dos 20 anos. Ao longo desse período, o ser humano transita da dependência absoluta ao nascer para a autonomia. E para que essa evolução ocorra de forma adequada, as mães, pais e outros educadores precisam oferecer à criança, desde muito cedo, oportunidades de, ao mesmo tempo, perceber limites e fazer escolhas. Os limites, que no início são colocados de “fora para dentro”, ao final do processo devem

estar interiorizados, e então a pessoa pode se autodeterminar: ser o seu próprio mestre. As brincadeiras infantis são uma forma de a criança exercitar e desenvolver autonomia, ao fazer escolhas em relação a brinquedos, regras, tempos, espaços e parceiros.

BRINCAR

“É o melhor caminho para uma educação integral. Seus benefícios para a criança incluem o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e de valores culturais, bem como a socialização e o convívio familiar. Quando uma criança brinca, ela entra em contato com suas fantasias, desejos e sentimentos, conhece a força e os limites do próprio corpo e estabelece relações de confiança (vínculos positivos) com o outro. No momento em que está descobrindo o mundo, ao brincar, testa suas habilidades e competências, aprende regras de convivência com outras crianças e com os adultos, desenvolve diversas linguagens e formas de expressão e amplia sua visão sobre o ambiente que a cerca. Brincando, constitui sua identidade sem se basear em um modelo único (às vezes carregado de rótulos e preconceitos), pois tem a oportunidade de experimentar as situações de maneiras diferentes daquelas vividas no mundo ‘real’. Tudo isso enquanto se diverte” (PNPI, 2010, p. 52). Embora a infância seja a idade do brincar por excelência, brincar não é uma atividade exclusivamente infantil. Pessoas de todas as idades brincam, e quanto mais os adultos mantêm sua disposição lúdica, mais criativos são e mais aptos se tornam a promover a brincadeira infantil.

COORDENADOR DE GRUPO

Profissional com boas habilidades de relacionamento interpessoal, capaz de selecionar, organizar e adaptar informações, manejar interações, organizar espaço, materiais disponíveis e tempo, criando situações que promovam diálogo, reflexão, cooperação e aprendizagem e fazendo com que os participantes sintam-se aceitos, autônomos e competentes. Seus principais instrumentos de trabalho são os conhecimentos de que dispõe a respeito dos aspectos fisiológicos, afetivos e psicodinâmicos relativos à estruturação do

cuidado à gestante, às crianças de zero a três anos e às suas famílias, e o domínio de bons procedimentos e dinâmicas que favoreçam a aprendizagem de adultos, levando a mudanças na percepção de realidades e na forma de agir em relação à primeira infância.

CONHECIMENTOS, HABILIDADES E ATITUDES DO COORDENADOR DE GRUPO

O coordenador de grupo deve possuir não só conhecimentos específicos e úteis sobre os temas que serão trabalhados com os participantes, como também conhecimentos básicos sobre grupos e suas dinâmicas. Pode desenvolver e aperfeiçoar habilidades e competências como: capacidade de motivar e comunicar, de levantar as necessidades e saberes em presença, de lidar com as diferenças no grupo, oferecendo apoio personalizado, de demonstrar novos comportamentos e fornecer recursos. Mas o essencial são as atitudes. Dentre elas, ter uma mente aberta, ser confiável e confiar nas pessoas, ter empatia e ser solidário e capaz de tolerar frustrações.

De acordo com Zimerman (1997), o papel do coordenador pode ser resumido nos seguintes itens:

- Gostar e acreditar em grupos.
- Ter coerência – confiança do grupo no coordenador.
- Respeitar as características dos participantes – não utilização dos rótulos ou papéis que lhes são usualmente atribuídos.
- Ter paciência – oferecer aos participantes o tempo necessário para adquirirem confiança e respeitar seus ritmos.
- Ser continente – capacidade de acolher e conter as necessidades e angústias dos membros do grupo.
- Ter função de ego auxiliar – que é semelhante à capacidade da mãe de exercer as capacidades de ego (perceber, conhecer, discriminar, juízo crítico, etc.) que ainda não estão suficientemente desenvolvidas no filho.
- Saber discernir – saber separar o que é seu e o que é do outro.
- Ter domínio na comunicação verbal e, sobretudo, na não verbal.
- Ter empatia – colocar-se no lugar de cada um do grupo e entrar no clima grupal.
- Ter capacidade de síntese e integração – integrar o que o grupo traz.

CRIANÇA

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a criança a pessoa de até 12 anos de idade incompletos, que deve ser protegida e respeitada em todos os seus direitos, levando-se em conta sua condição peculiar como pessoa em desenvolvimento. É preciso assegurar-lhe todas as condições que possibilitem o seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. O ECA determina, ainda, que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos seus direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Lei Federal nº 8.069/1990, artigos 2º, 3º, 4º e 6º).

CUIDADO

Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, mais do que um momento de atenção, de zelo e de desvelo representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (Boff, 1999).

DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Consiste no desenvolvimento da criança de zero a três anos, considerando aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos. A criança precisa de um ambiente acolhedor, harmonioso e rico em experiências, desde o período pré-natal, por meio dos cuidados da mãe e família e da interação com o ambiente. O envolvimento da rede de apoio e das políticas públicas que organizam serviços para apoiar as necessidades de famílias e crianças também são fatores fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança pequena.

DIÁLOGO

O diálogo entre pessoas ou instituições pressupõe horizontalidade entre os envolvidos: relações de poder são substituídas por atitudes de escuta ativa, não julgamento, empatia e desejo de compreender a perspectiva do outro. Dialogar significa também manejar conflitos,

negociando significados e chegando a acordos. Pressupõe romper com a tradição de “prescrever” atitudes e práticas. No âmbito profissional é uma competência fundamental a todos os que se propõem a realizar mudanças de forma democrática. Não se trata de uma habilidade inata, mas pode e deve ser aprendida, tornando as pessoas capazes de comunicar, em vez de emitir comunicados.

FAMÍLIA

O desenvolvimento infantil, desde a fase pré-natal, ocorre no contexto da família. A família também é a garantia da construção de uma história, de um passado e de um projeto de futuro. O Plano Nacional pela Primeira Infância (2010) ressalta que, por mais que a família “tenha se modificado na sua estrutura, nas formas de exercer suas funções e nos papéis intrafamiliares em relação à produção das condições materiais e culturais de sobrevivência e na função geracional, continua sendo a instituição primordial de cuidado e educação dos filhos, mormente nos seus primeiros anos de vida” (PNPI, 2010, p.15). Apoiar as famílias grávidas e com crianças de até três anos é colocar o foco em suas forças e não em suas eventuais carências; é desenvolver a sua resiliência, ajudando-as a reconhecer as redes sociais às quais pertencem e o patrimônio que possuem, e que podem ser colocados a serviço do desenvolvimento pleno das crianças e do **território** em que habitam. Qualquer formato de família pode promover o desenvolvimento na primeira infância – com casais hetero ou homossexuais; nuclear ou incluindo avós, tios e primos; com mães ou pais solteiros ou divorciados; com filhos biológicos, adotados ou provenientes de diversas uniões. O essencial é que seus membros amem e protejam a criança, cooperem e se incentivem mutuamente a cuidá-la e estimulá-la.

FAMÍLIA GRÁVIDA

O termo família grávida enfatiza que a gravidez não é uma responsabilidade exclusiva da mulher, mas também do pai e demais familiares. A gestação da criança, se ocorre concretamente no útero materno, simbolicamente também acontece na família, que prepara a chegada de um novo membro.

FORMAÇÃO/FORMADOR

A formação em desenvolvimento do Programa Primeiríssima Infância visa oferecer, aos participantes das áreas de saúde, desenvolvimento social, educação infantil e outras, capacidades que se traduzam em novas práticas setoriais e intersetoriais de atenção à gestante, puérpera e nutriz, bem como às famílias com crianças de zero a três anos. A formação realiza-se por meio de oficinas sobre temas considerados prioritários para a melhoria da qualidade do atendimento à primeiríssima infância. O formador é um especialista/consultor, responsável por planejar e realizar a formação, bem como supervisionar (acompanhar e apoiar) o trabalho dos profissionais capacitados, ao atuarem enquanto reeditores dos conteúdos das oficinas junto a seus pares e na realização dos Planos de Ação.

GRUPO

Conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes que se reúnem em torno de uma tarefa específica, um objetivo compartilhado, no qual cada participante é diferente e pode exercitar sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista (Pichon-Rivière, 1982).

INTERAÇÕES

Diferentes formas por meio das quais as pessoas se relacionam e aprendem umas com as outras. Em um grupo, é possível estruturar atividades que facilitem e qualifiquem positivamente essas interações, promovendo as que desenvolvem o acolhimento, a competência e a autonomia. Interações positivas contínuas criam vínculos positivos entre indivíduos e grupos.

INTERVENÇÕES SETORIAIS E INTERSETORIAIS

Intersetorialidade pressupõe a definição de objetivos comuns, para os quais cada setor contribui com as suas especificidades, articulando ou produzindo novas ações uns com os outros. Além disso, as ações devem também ser realizadas setorialmente, incrementando-se aquelas promovidas no âmbito dos diferentes níveis dos sistemas de saúde,

educação, desenvolvimento social, justiça e outros. A resolução dos problemas tende a tornar-se mais eficaz quando os diversos setores definem conjuntamente as prioridades para o desenvolvimento da população infantil local e são estabelecidas interfaces, articulando políticas sociais e iniciativas implementadas no município. A prática intersetorial implica a disponibilidade dos profissionais, interna e externa, de se apoiarem mutuamente através de ações conjuntas e do diálogo, com encontros periódicos para trocas de experiências.

LIMITE

Condição essencial ao desenvolvimento da criança. Por meio dos limites, a criança aprende a se autocontrolar e a reconhecer o outro, respeitando seu espaço e direitos – o que é a base da autonomia.

MÃE OU PAI

Pessoa que gera a criança e/ou desenvolve funções paternas e maternas em relação a ela, acolhendo-a, apoiando-a, colocando limites e auxiliando na construção de um sistema de normas e regras.

MATERNAGEM

Maneira boa e protetora de a mãe – ou de quem está desempenhando a função de mãe – cuidar do bebê: inclui amparo às necessidades fisiológicas e investimento de desejo, amor e aconchego. A mãe passa ao seu bebê os limites e a proteção, oferecendo-lhe o mínimo de desconforto possível no novo ambiente extrauterino (Winnicott, 1982).

MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E LINGUAGENS

Howard Gardner (1994), professor da Universidade de Harvard (Estados Unidos), demonstrou, por meio de pesquisas, que a inteligência não é um fenômeno singular, e sim uma pluralidade de capacidades. Em um grupo, cada participante se destaca em uma ou mais dessas capacidades ou inteligências. Assim, quanto mais diversificadas forem as linguagens utilizadas pelo reeditor ou formador, possibilitando o exercício das múltiplas inteligências presentes no grupo, maior será a aprendizagem coletiva. São mais poderosas as

situações de aprendizagem em que, além de falar, escrever e ler – que mobilizam as inteligências linguística e lógico-matemática –, os participantes possam cantar, ouvir música, observar imagens, movimentar-se, construir objetos, entrar em contato com a natureza (inteligências corporal-cinestésica, espacial, musical, naturalística), sempre em interação uns com os outros (inteligência interpessoal) e refletindo sobre seus próprios sentimentos e pensamentos (inteligência intrapessoal).

PATRIMÔNIO

É um conjunto de recursos dos quais as pessoas podem dispor para garantir, a si mesmas e a seus familiares, maior segurança e melhor padrão de vida. Tais recursos compõem-se de trabalho, saúde, educação, moradia, habilidades pessoais e relacionais – relacionamentos familiares, de vizinhança, de amizade, comunitários e institucionais. Estruturar uma intervenção familiar a partir do patrimônio da pessoa, da família e da comunidade significa considerar as potencialidades e os nexos que, na vida dessas pessoas e dessas comunidades, se estabelecem como realidades historicamente construídas (PIDMU, 2000).

PLANO DE AÇÃO

Resulta de um processo de planejamento participativo, por meio do qual pessoas envolvidas na realização de um objetivo, relacionado à alteração de práticas, indicam claramente como pretendem alcançá-lo no curto e médio prazos. Para tanto, levantam as atividades que precisam realizar, descrevendo passo a passo como irão implementá-las, especificando que tipo de recursos humanos e materiais serão mobilizados e estabelecendo o tempo necessário para cada etapa. O Plano de Ação pode ser elaborado por participantes das oficinas de formação junto com seus pares e outros parceiros, durante e após o processo de reedição dessas oficinas.

PLANO DE REEDIÇÃO

É elaborado pelos participantes, ao final de cada oficina de formação, com o objetivo geral de reeditar, ou seja, recriar, adaptar

e transmitir aos seus pares, no todo ou em parte, as mensagens das oficinas contidas nos cadernos 3 a 8 da Coleção Primeiríssima Infância. Um Plano de Reedição viabiliza a apropriação e disseminação das aprendizagens da oficina pelos colegas dos participantes que não estavam presentes. Ao elaborar o objetivo específico, os reeditores devem definir o que desejam realizar (desde implementar uma oficina de dois dias até efetuar atividades formativas de curta duração, campanhas, etc.) e os profissionais a serem envolvidos.

PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Primeira infância é o período que vai do nascimento até os seis anos de idade (definição do Plano Nacional pela Primeira Infância, 2010). Primeiríssima infância é a fase inicial da primeira infância, entre a gestação e os três anos (definição utilizada pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal).

REDE DE APOIO

É um conjunto de relações interpessoais a partir das quais a pessoa e/ou a família mantém sua própria identidade social. Esta identidade compreende hábitos, costumes, crenças e valores característicos de uma determinada rede. Desta rede, a pessoa e/ou a família recebe apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, tornando-se possível o desenvolvimento de relações sociais.

REEDIÇÃO/REEDITOR

A reedição de mensagens e conteúdos adquiridos junto aos seus pares é uma das estratégias do processo formativo do Programa Primeiríssima Infância. Segundo o educador colombiano Bernardo Toro (1994), o reeditor é alguém com a capacidade de readequar, adaptar, recriar mensagens, de acordo com circunstâncias e propósitos específicos, possuindo credibilidade e legitimidade. Tem, em geral, um “público cativo” – colegas, alunos, amigos ou clientes com os quais possui contato constante – e é por ele reconhecido. Pode transformar, introduzir e criar sentidos em relação a esse público, contribuindo para modificar suas formas de pensar, sentir e atuar.

SUPERVISÃO/SUPERVISOR

Realizada pelos formadores responsáveis pelas oficinas do programa, a supervisão consiste em no mínimo três encontros de oito horas com os profissionais que passaram pela formação e pelas reedições. Estes encontros têm o objetivo de oferecer apoio durante o processo de reedição, na elaboração e implementação de Planos de Ação para mudanças de práticas. Também permitem que os profissionais aprofundem os conteúdos da oficina de formação e tirem dúvidas.

TERRITÓRIO

O território é o lugar sobre o qual se estabelece a cidade e seus espaços de representação. Ele muda constantemente (através do tempo, do espaço e da cultura), de acordo com as relações e hábitos cotidianos de seus habitantes. As relações sociais urbanas podem alterar sensivelmente suas características e sua paisagem. O controle do território expressa o poder, com imposição de regras de acesso, de circulação e normatização de seus usos, de atitudes e de comportamentos sobre o espaço. A interação entre o território e os seres humanos que o habitam o transforma.

VÍNCULO

Vínculo é um elo, uma ligação forte entre pessoas interdependentes. Segundo Marta Harris (1995), “vínculo é a capacidade de duas pessoas experimentarem e se ajustarem à natureza uma da outra, desenvolvido por meio da interação amorosa e contínua”. O primeiro vínculo que um ser humano desenvolve é com a mãe. A construção deste vínculo, que inaugura e modela os demais, se inicia já na fase pré-natal, graças à comunicação fisiológica e emocional que existe entre mãe e bebê. Ganha concretude maior durante a amamentação. Pode continuar a se fortalecer durante todo o processo do desenvolvimento infantil, o que oferece à criança a base da construção e ampliação de vínculos com as demais pessoas que a cercam e depois com a humanidade em geral.

Materiais de apoio

PARA A OFICINA

Textos

Referências bibliográficas para aprofundamento

Formação do vínculo pais/filho (amamentação e vínculo; preparo emocional para o parto; comunicação mãe/filho na gestação)

KLAUS, M.H.; KENNEL, J.H.; KLAUS, P.H. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NÓBREGA, F.J. **Vínculo mãe/filho**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

NÓBREGA, F.J.; CAMPOS, A.L.R.; NASCIMENTO, C.F.L. **Fraco vínculo mãe/filho**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

Indicação: De forma clara e abrangente, os autores focam a atenção no vínculo pais/filho, abordando o conceito de vínculo, período propício para seu surgimento, fatores psicossociais de proteção e de risco para sua formação e repercussões no desenvolvimento infantil.

Funções paterna e materna

WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D.W. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Indicação: Os livros abordam, de forma esclarecedora, os cuidados dos pais com os filhos. O autor dá ênfase à sensibilidade dos pais nesta função. Salienta a importância da mãe, com qualidade humana e não mecânica para atender às necessidades da criança, com alto grau de adaptação às necessidades do bebê. E do pai como parceiro.

Psiquismo fetal

CARON, N.A. **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PIONTELLI, A. **De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Indicação: Os autores mostram que o feto possui vida emocional e se relaciona com sua mãe. Apresentam estudos que evidenciam a existência de uma vida pré-natal e sua relação com o desenvolvimento futuro do indivíduo, sugerindo uma continuidade entre a vida pré e pós-natal.

Atitudes facilitadoras do desenvolvimento infantil

ARAÚJO, C.A. **Pais que educam – uma aventura inesquecível**. São Paulo: Gente, 2005.

CAETANO, L.M. **É possível educar sem palmadas? – Um guia para pais e educadores**. São Paulo: Paulinas, 2011

Indicação: Os autores apresentam o desenvolvimento da criança, de forma esclarecedora, abrangente e estimulante. Abordam o desenvolvimento emocional e o valor do ambiente (pais, família, comunidade). A leitura contribui para reflexões e ações que possam promover a saúde mental da criança e para ampliar o olhar em relação aos cuidados com a criança de zero a três anos.

Trabalho com grupos

FERREIRA NETO, J.L.; KIND, L. **Promoção da saúde: práticas grupais na Estratégia Saúde da Família**. São Paulo: Hucitec, 2011.

ZIMERMAN, D.; OSÓRIO, L. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

Indicação: O grupo viabiliza a comunicação e interação entre os profissionais e participantes, podendo ser uma ferramenta terapêutica. Cabe ao coordenador de grupo provocar reflexões, além de informar. A escolha de estratégias para o trabalho com grupos deve considerar as características e a dinâmica do grupo observadas pelo coordenador. As características do coordenador têm forte influência no clima do grupo.

PROBLEMATIZAR E AMPLIAR A COMPREENSÃO DA REALIDADE

Por Madza Ednir, adaptado de Root, 1998.

Em 1963, Paulo Freire e sua equipe conseguiram, em poucas semanas, que grupos de trabalhadores rurais aprendessem a ler o mundo e as palavras, conscientizando-se a respeito de seu papel como construtores de cultura e riqueza. A abordagem freiriana é hoje utilizada em todos os continentes, em processos de formação e transformação social. Um dos componentes básicos dessa abordagem é a leitura de imagens. A leitura de imagens pode ser deflagrada por um pôster, um livro ilustrado, por um *slide*, um vídeo. Basta que o coordenador/formador escolha uma imagem que “codifique” (represente) uma situação-problema (por exemplo, a foto de uma criança chorando no berço enquanto a mãe está cozinhando e cuidando de mil afazeres ao mesmo tempo) e, em seguida, faça perguntas que possibilitem ao grupo refletir sobre o que veem, e assim “decodifiquem” a imagem. (“Por que a criança está chorando? O que a mulher está fazendo? Por quê? O que será que a criança está sentindo? E a mãe? De que a criança precisa? De que a mãe precisa?”, etc.). Em vez de imagens estáticas, é possível utilizar

imagens em movimento – em um vídeo curto – e proceder da mesma forma depois de as pessoas o assistirem. Esta estratégia é utilizada com êxito nas oficinas do Programa Primeiríssima Infância, onde também se recorre a livros infantis ilustrados, tratando dos temas que dizem respeito ao desenvolvimento infantil para promover a leitura de imagem que problematiza a realidade e conscientiza.

Outra possibilidade é promover a discussão de uma situação-problema por meio do *role play*. Neste caso, um grupo de participantes poderá dramatizar um caso que mobilize a todos (por exemplo: mulher no puerpério com parceiro que não ajuda e, em vez disso, chega em casa bêbado e fazendo exigências). A dramatização poderá ser problematizada com perguntas como: O que você viu na dramatização? (descrição); Isso acontece aqui também? Vocês se lembram de outros exemplos disso? O que causa esse problema? Quais serão as consequências se continuar assim? O que pode ser feito? Quem pode ajudar?.

TRABALHANDO COM GRUPOS DE GESTANTES, NUTRIZES E SUAS FAMÍLIAS

Por Madza Ednir, adaptado de FMCSV (2011), Ednir M. et al (2006); Ceccon C. et al (2009).

Grupos de gestantes, nutrizes e suas famílias são espaços de reflexão e apoio com foco nos aspectos fisiológicos, afetivos e psicodinâmicos que estruturam a atenção e o cuidado à criança de zero a três anos.

O trabalho em grupo é considerado uma das principais ferramentas para promoção da saúde e prevenção de doenças – por isso é estratégia privilegiada do Programa Saúde da Família. Nas escolas de educação infantil, creches e outras instituições educativas, a organização de grupos de mães e pais de crianças de zero a três anos é componente essencial do projeto pedagógico, que inclui necessariamente a parceria entre famílias e educadores formais, na promoção do desenvolvimento infantil. O trabalho em grupo é também utilizado nos serviços de assistência social, como forma de empoderar famílias e encontrar saídas para situações que colocam seus membros em risco.

Em grupos coordenados por profissionais da saúde, educação e/ou assistência social, as pessoas não apenas falam sobre seus desafios, mas também processam novas informações que possibilitam melhor compreendê-los – e isso pode resultar na busca de soluções coletivas.

Gestantes, mães, pais, familiares e cuidadores projetam o futuro que desejam para as crianças e jovens do bairro ou da cidade e o que podem fazer para tornar mais seguros, felizes e estimuladores do desenvolvimento integral e integrado das crianças, o ambiente da família, da creche e de outros espaços comunitários.

Ao assumir responsabilidade por realizar ações transformadoras, as pessoas crescem em poder. Quando gestantes e familiares de crianças de zero a três anos são convidados a tomar a iniciativa e a decidir, passam a controlar melhor suas próprias vidas e, ao mesmo tempo, a pressionar os sistemas sociais, econômicos e políticos por políticas públicas de qualidade.

O grupo promove o diálogo, a reflexão e a troca de informações sobre temas como vínculo pais/filho; desenvolvimento emocional e ambiente, fatores de risco psicossociais para o desenvolvimento infantil; atitudes de pais e educadores que podem contribuir para o desenvolvimento nos primeiros anos de vida. São compartilhados vivências/conflitos/dúvidas pessoais dos pais sobre gestação e parentalidade. E mais: o trabalho com grupos possibilita identificar e buscar ampliar a **rede de apoio** da família, o que fortalece sua capacidade de construir alternativas de mudança.

O desenvolvimento de redes de apoio, em especial nas comunidades a que pertencem as famílias mais pobres, faz a diferença no rumo que os atingidos imprimem às suas vidas e às vidas das crianças de zero a três anos. Aumentar o grau de coesão social na comunidade e o grau de integração de cada família no seio dessa comunidade influencia o desenvolvimento das crianças de zero a três anos. O trabalho em grupo e as ações empreendidas pelo grupo em articulação com a comunidade incrementam a reciprocidade e confiança que existem nas relações entre indivíduos e entre estes e as instituições sociais.

Algumas sugestões práticas

Fortalecer os vínculos entre os participantes, por meio de interações que favoreçam sentimentos de confiança, acolhimento e aceitação, é o fator básico para se conseguir a integração do grupo e promover a adesão de seus membros.

Dinâmicas por meio das quais as pessoas possam se apresentar, falar de si mesmas de forma prazerosa e descontrair são essenciais durante todo o processo.

Escutar ativamente permite partir do conhecimento que já existe: outro ponto-chave da atuação do coordenador. Confira, como exemplo, o procedimento a seguir.

ATIVIDADES PARA ESTIMULAR A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS ENTRE AS FAMÍLIAS GRÁVIDAS E SEUS BEBÊS

Atividade: “Olho de Deus”

O “Olho de Deus” é uma tradição indígena no México. Quando uma mulher fica grávida, ela tece o “Olho de Deus”, com várias cores, colocando em cada cor uma intenção para a criança que virá ao mundo. A cada aniversário um novo “Olho de Deus” é tecido, até a criança completar cinco anos. A partir de então, ela própria é capaz de confeccionar seus próprios “Olhos de Deus”. Elaborar um “Olho de Deus” é uma estratégia que convida as gestantes e familiares a abrir espaço em suas mentes para o bebê que está em formação e, assim, começar a fortalecer seus vínculos com ele.

Modo de fazer

– Tradicional

Materiais: palitos de churrasco e lãs coloridas para todos os participantes. Unir dois palitos pelo centro, em forma de cruz e, em seguida, amarrar com um nó os palitos. Depois de amarrado, começar a trançar a lã pelos quatro eixos dos palitos, mudando as cores de tempos em tempos.

– **Alternativo**

Materiais: para cada participante, uma cartolina, com a representação do esquema de um grande olho; quatro folhas de papel espelho de diferentes cores (claras) ou similar; um pincel atômico preto, tesoura e cola. Os participantes preenchem a íris do olho e o “branco do olho” com tiras de papel de diferentes cores. Em cada tira, escrevem um desejo ou intenção para uma criança que vai nascer.

Atividade: “A caixa de presente para o bebê”

Modo de fazer

Cada família participante irá decorar a caixa com os papéis coloridos e colar as fotografias na tampa e nos lados da caixa. Em seguida, a mãe, o pai e outros familiares irão escrever uma carta para o bebê, contando como sua vinda está sendo aguardada e tudo de bom que o espera aqui. A caixa será guardada e a carta será lida para a criança quando ela nascer e/ou entregue para que ela leia quando estiver alfabetizada.

Materiais: solicitar aos participantes que tragam de casa uma caixa com tampa, de 15/15 cm; papéis de presente ou papéis coloridos; fotos da mãe e do pai da criança e dos outros membros da família; tesoura e cola; papel para escrever uma carta e caneta.

Atividade: *Role play* – Estilos de coordenação de grupos de famílias grávidas e famílias com crianças de até três anos

Nota: role plays são roteiros para nortear as dramatizações. Não precisam ser seguidos à risca.

Tema da atividade: Vínculo

São solicitados voluntários para participar de um grupo – dez pessoas e duas para coordenar o grupo. Pede-se ao restante da sala para observar a encenação e anotar os aspectos que lhe chamar a atenção. Fora da sala, o formador combina com os dois voluntários como conduzirão o grupo, entregando-lhes seus papéis de coordenadores. Cada um dos dois participantes escolhe qual dos coordenadores será – aquele que promove um grupo reflexivo e o outro que não.

Voluntário 1 – Coordenador com foco na transmissão de conteúdos sobre o tema

Este terá um tema (artigo da revista/matéria de jornal) para falar a um grupo de pais (ou de gestantes) – terá cinco minutos para expor seu tema. E sua tarefa é conseguir abranger todo o conteúdo. Esta deve ser sua preocupação. Você alcançará a meta estabelecida pela sua coordenação somente se conseguir abranger todo o conteúdo do artigo e o tempo deve ser respeitado. Não valoriza as perguntas do grupo ou comentários, lembra-se que seu foco é na transmissão do conteúdo.

Voluntário 2 – Coordenador com foco nas interações como forma de promover a reflexão, a cooperação e a aprendizagem

Este terá um tema (artigo de revista/matéria de jornal) para falar a um grupo de pais (ou de gestantes) – terá cinco minutos para expor o seu tema.

- Acolher os participantes e procurar criar um clima de união e compartilhamento no grupo.
- Sensibilizar e mobilizar os participantes para o tema que vai ser abordado: técnicas de dinâmica de grupo, histórias, etc.
- Estimular e facilitar a comunicação entre os participantes, as trocas de ideias, os depoimentos que ajudem a pensar sobre a sua própria experiência (problematização do tema a ser abordado).
- Oferecer informação e estimular a reflexão.
- Evitar monopolização da fala por algum dos participantes, assim como conversas paralelas.

Os observadores irão comparar as duas conduções e comentar sobre as vantagens e limitações dos dois estilos. O formador faz um fechamento.

Atividade: *Role play* – Estilos de coordenação de grupos de famílias grávidas e famílias com crianças de até três anos: outra proposta**Coordenando um grupo (1)**

Você tem uma notícia de jornal e irá utilizá-la para conversar no grupo de famílias grávidas ou com pais, levando em consideração os seguintes itens:

- Acolha o grupo, seja receptivo.
- Se tiver as seguintes características, use e abuse delas: humor, afetividade, expressão de sentimentos positivos.
- Deixe claro seu objetivo.
- Tenha certeza de que o grupo compreendeu seu objetivo.
- Tente fazer com que o grupo seja bastante prazeroso para você e para o grupo.
- “Colocar-se no lugar do outro” – como se sentiria neste grupo?
- Incentive para que os participantes se expressem: coloquem suas dúvidas, conflitos e ideias.
- Valorize as verbalizações ou atitudes das pessoas do grupo.
- Enriqueça o assunto que tratará com recursos (vídeos, material concreto).
- Use estratégias interessantes para aprendizagem do grupo.
- Promova discussões.
- Traga situações-problemas sobre o tema.
- Estimule o vínculo entre os participantes.
- Avalie se atingiu seu objetivo.
- Faça uma síntese da conversa para finalizar.

Coordenando um grupo (2)

Você tem uma notícia de jornal e irá utilizá-la para conversar no grupo de famílias grávidas ou com pais, levando em consideração os seguintes itens:

- Você não gosta desta atividade e está aqui por fazer parte da sua função na unidade.
- Você deve se mostrar pouco comunicativo e seu objetivo é repassar a notícia para o grupo.
- Você não diz seu objetivo.
- Evite a expressão dos participantes (dúvidas, conflitos e ideias).
- Não valorize quaisquer opiniões ou verbalizações das pessoas do grupo.
- Apesar de ser um assunto que causa polêmica, não incentive isso.
- Desestimule o vínculo/conversa entre os participantes.
- Não faça um fechamento final.

Os observadores irão comparar as duas conduções e comentar

sobre as vantagens e limitações dos dois estilos. O formador faz um fechamento, considerando as necessidades básicas do aprendiz.

Atividade: Escutar, escutar, escutar

Você quer saber, em apenas 20 minutos, o que o grupo pensa a respeito de uma questão polêmica?

- Chame todos para o centro da sala (cadeiras em círculo).
- Coloque em um cartaz a afirmação polêmica sobre o tema em pauta e peça que se manifestem sobre ela: nós queremos saber o que acham sobre isso: (Exemplos: “É preciso bater para educar a criança”; “Amamentar até os 12 meses é o ideal”; etc.).
- Coloque em diferentes cantos da sala quatro cartazes com os seguintes textos:
 1. Completamente contra.
 2. Totalmente a favor.
 3. Contra, mas com ressalvas.
 4. A favor, mas com ressalvas.
- Peça a todos para que se dirijam ao local que melhor contempla o que sentem a respeito da questão colocada.
- Peça às pessoas, em cada canto, que falem umas com as outras sobre por que escolheram estar onde estão.
- Convide algumas pessoas, de cada canto, a explicar para todos a sua escolha. Nesse momento, as pessoas podem mudar de grupo.

Depois dessa escuta, a informação a respeito poderá ser apresentada e mais bem recebida.

Atividade: Priorizar e fazer

Quando/se o grupo decidir utilizar os conhecimentos construídos a respeito das condições ótimas para o desenvolvimento infantil para resolver um problema que os incomode particularmente, ou para aperfeiçoar de alguma forma a atenção à gestante e à criança, então está na hora de planejar para a ação. Procedimentos como os que apresentamos a seguir (“O cerne da questão” e “Pense/Forme dupla/Apresente”) podem ser úteis no processo de levantamento e priorização de ideias sobre o que pode ser feito.

Atividade: O cerne da questão

- O coordenador/formador entrega a cada subgrupo de praticantes uma folha grande de papel kraft com três **círculos concêntricos**.
- Pede que discutam e respondam à pergunta: "O que mais prejudica o desenvolvimento integral das crianças de zero a três anos em nossa comunidade?".
- Em seguida pede que coloquem suas respostas dentro dos círculos: no centro, devem ficar os aspectos que mais interferem de forma negativa (o miolo, o cerne da questão); no segundo círculo, coloquem aspectos que também interferem de forma negativa, mais não tanto; no círculo externo, os aspectos que prejudicam menos.
- Afixe os cartazes produzidos pelos grupos na parede. Peça que uns "visitem" os cartazes dos outros, identificando as questões que a maioria dos grupos considera o *cerne da questão*. É dentre estas questões que o grupo definirá o problema ou situação específico a ser enfrentado por meio de um Plano de Ação.



Atividade: Pense/forme duplas/apresente

- Pense: cada participante pensa propostas e ideias a respeito de como resolver o problema central levantado pelo grupo (por exemplo, "conseguir mais brinquedos para as crianças"; ou "organizar um banco de leite materno"; ou "conseguir que os homens ajudem as mulheres no puerpério").
- Forme duplas: em pares, os participantes trocam o que pensaram (um primeiro, depois o outro) e então discutem o que querem apresentar ao grupo.
- Apresente: cada dupla relata seus resultados (o formador registra as ideias).



Vídeos

TIN TOY, de John Lasseter (Estados Unidos, 1988)

Duração: 4' 54". Animação infantil que retrata a relação de um bebê com seus brinquedos.

http://www.youtube.com/watch?v=se3_3GYEQ-M

SUPERNANNY, série de TV produzida pelo SBT (Brasil)

Duração: cada episódio tem em média 40 minutos. Produção da televisão brasileira inspirada em série inglesa sobre pais e mães que têm dificuldade de lidar com o comportamento dos filhos e recorrem à ajuda de uma superbabá.

<http://www.sbt.com.br/supernanny/oprograma/>

TARZAN, de Chris Buck e Kevin Lima (Estados Unidos, 1999)

Duração: 1:29'11". Animação infantil produzida pela Disney que retrata criação de um menino por uma macaca. Disponível para venda ou locação.

O MENINO E A ÁRVORE, produzido pela agência Lead (Índia, 2007)

Duração: 2'. Curta metragem sobre trabalho em equipe e a capacidade de mobilização de uma criança.

<http://www.youtube.com/watch?v=bNloNXFNiFY>

Modelo recomendado de Fluxo para a Formação



Conforme sistemática de formação continuada adotada no município

Modelo de Relatório de Formação e Supervisão

Com o objetivo de sistematizar o processo e aprender com a experiência do apoio ao
(nome do programa), pede-se a colaboração dos capacitadores na elaboração do relatório abaixo. Favor anexar a este relatório: a) PowerPoint (caso houver); b) listagem de material de apoio (textos, livros, DVD, etc.); e c) fotos e lista de presença.

TEMA DA OFICINA DE FORMAÇÃO/SUPERVISÃO:

Formadores:.....

Data:

Local:

Participantes (perfil e número):

Organização

1. Como foi a organização da formação/supervisão (descrever como foram definidos pontos como número e perfil de participantes, divisão dos grupos e do tempo disponível, etc.)? Houve algum percalço? Há algo positivo ou negativo que você gostaria de destacar? Qual?

Conteúdos

2. O que foi trabalhado/discutido na formação/supervisão? (qual era a demanda ou acordo prévio?)
3. O formato da formação/supervisão pareceu adequado para a necessidade do grupo e para a multiplicação da formação? Há algo positivo ou negativo que você gostaria de destacar?

Processo

4. Presença na formação/supervisão: o número e o perfil de participantes eram os esperados/acordados? Se não, indique o que ocorreu.
5. Quais foram as suas impressões quanto ao clima da formação/supervisão? (como estava a disposição do grupo para o trabalho, impressões sobre a dinâmica do grupo e aspectos emocionais expressos e não expressos).
6. Pela sua observação e pelos relatos dos grupos, quais os principais pontos que podem dificultar e/ou facilitar a implantação da multiplicação e a incorporação dos conhecimentos à prática? (exemplo: propostas políticas conflitantes; comprometimento/perfil das lideranças; comunicação entre instâncias envolvidas; carência de profissionais e/ou serviços).
7. Há aprendizados retirados da execução desta atividade que você gostaria de destacar?
8. Há propostas de mudanças de processo ou sugestões que você gostaria de destacar?

Ficha de Avaliação para Oficinas de Formação

Formação:

Município:

Formadores:

Data:

Nome (opcional):

E-mail (opcional):

Telefone (opcional):

1. Qual sua avaliação do conteúdo da formação/supervisão?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Razoável
- d) Ruim

2. Qual sua avaliação do material utilizado na formação/supervisão?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Razoável
- d) Ruim

3. Qual sua avaliação dos(as) formadores(as)/supervisores(as)?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Razoável
- d) Ruim

4. Qual sua avaliação do local/instalações onde foi realizada a formação/supervisão?

- a) Ótimo
- b) Bom
- c) Razoável
- d) Ruim

5. Quanto aos tópicos abordados na formação, você acredita que:

- a) Sinto-me capaz de colocar em prática a partir de amanhã, mas acho difícil repassar o conteúdo para meus colegas.
- b) Sinto-me capaz de colocar em prática a partir de amanhã, tenho condições de multiplicar este conhecimento com os colegas e acredito que dispomos das condições para implantar as inovações discutidas.
- c) O conteúdo é muito relevante, passível de ser multiplicado, mas para colocá-lo em prática eu e meus colegas dependemos de condições (decisões) a serem asseguradas por terceiros.

6. Você tem algo a acrescentar? Por favor, sinta-se à vontade para apontar críticas, propor novas práticas e fazer comentários que entender pertinentes.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Obrigado pela participação!

Sua opinião pode contribuir muito para o aprimoramento de nossas práticas.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, M.L.M. (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ARAÚJO, C.A. **Pais que educam – uma aventura inesquecível**. São Paulo: Gente, 2005.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERNARDO, P.P. **A prática de Arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol. I – Temas Centrais em Arteterapia. São Paulo: edição da autora, 2008.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 1ª ed., 2ª reimpr. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011. 82 p.: il. – (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada – manual técnico** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 163 p. color. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) – (Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno n. 5) ISBN 85-334-0885-4.

BRAZELTON, T.B. **O desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

- CAMACHO, S. **Guia prático dos pais**. São Paulo: Edições Paulinas, 2007.
- CECCON, C. *et al.* **Conflitos na escola: modos de transformar**. São Paulo: Cecip / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- CYPEL, S. (Org.) **Fundamentos do desenvolvimento infantil: da gestação aos 3 anos**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2011.
- EDNIR, M.; CECCO N.C.; VAN VELZEN, B. *et al.* **Mestres da mudança: liderando a escola com a cabeça e o coração**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ENKIN, M.W.; KEIRSE, M.J.N.C.; NEILSON, J. P.; CROWTHER, C. A.; DULEY, L.; HODNETT, E.D.; HOFMEYR, G.J. **Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto**. 3ª ed. Revisão técnica: Ronaldo Carauca de Souza. Tradução: Cláudia Lúcia Caetano de Araújo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n. 8.069, Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 16/01/2015.
- FACCHIN, T.H.J.; CALVETTI, P.Ü. **Quando o não é sinônimo de amor**. Psico, Porto Alegre: PUCRS, v. 42, n. 1, pp. 16-22, jan./mar. 2011.
- FALCONE, V.M.; MÄDER, C.V.N.; NASCIMENTO, C.F.L.; SANTOS, J.M.M.; NÓBREGA, F.J. **Atuação multiprofissional e a saúde mental de gestantes**. Rev. Saúde Pública 2005; 39 (4): 612-8.
- FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL/FMCSV. **Coleção de Folhetos Primeiríssima Infância – 0 a 3 anos**. Disponível em: <http://www.colecaoPrimeirissima.org.br>. Acesso em: 16/01/2015.
- GARDNER, H. **As estruturas da mente: a teoria das múltiplas inteligências**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- HARRIS, M. **Crianças e bebês à luz de observações psicanalíticas**. São Paulo: Vértice, 1995.
- KLAUS, M.H.; KENNEL, J.H. **Pais/bebê a formação do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LOPEZ, F.A. **Avós e netos, uma forma especial de amar: manual de convivência**. Barueri (SP): Manole, 2011.
- MÄDER, C.V.N.; NASCIMENTO, C.L.; SPADA, P.V.; TORRES, A.; NÓBREGA, F.J. **Preparo da gestante e da puérpera para o aleitamento materno**. Rev Bras Nutr Clin, 19(1):17-21, 2003.
- MALDONADO, M.T. **Psicologia da gravidez – parto e puerpério**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARINO, E.; PLUCIENNIK, G.A. (Org.) **Primeiríssima infância da gestação aos 3 anos: percepções e práticas da sociedade brasileira sobre a fase inicial da vida**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2013.

MCKEE, D. **Agora não, Bernardo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

NÓBREGA, F.J. (Org.) **Vínculo Mãe/Filho**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PLANO NACIONAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA/PNPI. Rede Nacional Primeira Infância. Brasília, 2010. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/PPNI-resumido.pdf>. Acesso em 03/09/2013.

PROGRAMA INFÂNCIA DESFAVORECIDA NO MEIO URBANO/PIDMU. **Caminhos Metodológicos**. Rio de Janeiro: Cecip, 2000.

SALK, L. **O que toda criança gostaria que seus pais soubessem**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SILVA, A.; MUNARI, D.B.; LIMA, F. V.; SILVA, W. O. **Atividades grupais em saúde coletiva: características, possibilidades e limites**. R Enferm Uerj 2003; 11:18-24.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TORO, J.B. **La construcción de la nación y la formación de educadores en servicio**. Santa Fé de Bogotá, 1994. (cópia xerográfica)

WINNICOTT, D.W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1982.

ZIMERMAN, D.E.; OSORIO, L.C. *et al.* **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

